



Convergência

Dezembro • 2019 • ANO LIV

527

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitorio, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Sumário

Editorial

ALEGRIA E PAZ	5
---------------	---

Mensagem do papa

RADIOMENSAGEM DE NATAL DE SUA SANTIDADE JOÃO XXIII AO MUNDO INTEIRO	9
NOITE DO NATAL DO SENHOR	09

Mártires/Santos

MARIA AURORA DOS SANTOS MOTTA	12
-------------------------------	----

Informes

NOVA DIRETORIA DA UISG 2019–2022	15
----------------------------------	----

Artigos

NATAL: ROSTO VISÍVEL DO DEUS DA PAZ <i>Padre Adroaldo</i>	16
SER IRMÃO HOJE: LUZES, DESAFIOS E UTOPIAS <i>Irmão Leonardo de Faria Stoch</i>	30
JUVENTUDES E NOVAS LINGUAGENS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO <i>Irmã Rosa Maria Martins Silva</i>	39
NOVAS RELAÇÕES QUE NUTREM E PROTEGEM A VIDA <i>Irmã Birgit Weiler, hmm</i>	50







ALEGRIA E PAZ

IR. LAURO DAROS, MARISTA

Duas mensagens de Natal. A primeira, de 1962, enviada pelo papa João XXIII, proclama a Paz. O Papa suplica a todos os governantes que não permaneçam surdos a este grito da humanidade, que façam tudo para salvar a paz. “Paz na terra aos homens de boa vontade”. Para o Papa, “entre todos os bens da vida e da história, dos indivíduos, das famílias e dos povos, a paz é, na verdade, o mais importante e precioso. A presença e o desejo de paz são a segurança da tranquilidade do mundo”.

Papa Francisco convida-nos a subir a Belém para descobrir o mistério de Natal. Belém significa “casa do pão”. O Papa nos ensina que na “casa do pão” o Senhor marca encontro com a humanidade. Sabe que precisamos de alimento para viver. Mas sabe também que os alimentos do mundo não saciam o coração”. Por isso, Belém é o ponto de viragem no curso da história, pois Deus, na “casa do pão”, nasce numa manjedoura, como se quisesse dizer: “estou aqui a vosso dispor, como vosso alimento”.

A seção Mártires/Santos traz a biografia da Irmã Maria Autora dos Santos Motta, Uma Religiosa Feliz. Texto escrito pela Superiora Geral, Irmã Marlene Maria da Silva. Irmã Maria Aurora “não foi conhecida no mundo todo, nem homenageada por ter sido boa professora, diretora, mas por onde ela passou deixou marcas indeléveis, ‘passou fazendo o bem’, amando e servindo incondicionalmente a todos. Foi uma ‘profetisa da esperança’”.





Seção Informe divulga a Nova Diretoria da UISG 2019-2022, cuja Presidente é Ir. Jolanda Kafka, Religiosas de Maria Imaculada - Missionária Claretiana.

Seção Artigos inicia-se com o texto natalino, reflexão do Pe. Adroaldo: NATAL: rosto visível do Deus da Paz. “Paz na terra aos homens que o Senhor ama”! (Lc 2,14). “Os anjos proclamam o significado daquela Noite Santa de Natal: o céu e a terra se reconciliam, porque Deus faz chegar a paz e a salvação a todos os seres humanos. A Criação inteira celebra a soberana Bondade e o amoroso Coração do Criador, sendo, portanto, uma celebração da alegria e da paz”.

Ainda dentro do contexto do V Seminário de Irmãos Religiosos, que aconteceu em outubro 2019, Ir. Leonardo de Faria Stoch publica **“Ser Irmão hoje: Luzes, Desafios e Utopias”**. Na opinião do Irmão Leonardo, “a Igreja ainda hoje necessita conhecer a identidade e missão do Religioso Irmão, para que ela seja valorizada e vista em sua integralidade. Neste caminho, torna-se necessário refletir sobre a presença atual do Irmão, os riscos que a vocação pode correr frente aos novos paradigmas, sua diversidade de formas nas congregações e ordens e as luzes que este seguimento de Jesus apresenta diante do mundo contemporâneo”.

Irmã Rosa Martins publica suas pesquisas sobre **“Juventudes e Novas Linguagens na sociedade do espetáculo”**. Primeiramente, a autora discorre sobre a concepção de juventudes. No final do texto, ela questiona: Quais as implicações práticas das novas configurações de juventudes e das novas linguagens para a Vida Religiosa Consagrada em tempos modernos? Em tempos novos, quais as técnicas que a Igreja e Vida Religiosa Consagrada podem criar para que o Evangelho alcance as juventudes de maneira eficaz? Como aproveitar estas novas linguagens para produção de conhecimento entre as juventudes?

“Novas relações que nutrem e protegem a vida”, texto da Irmã Birgit Weiler, retoma o conceito de ecologia integral, muito abordado pelo papa Francisco. Escreve a autora: “A ecologia integral, o eixo central na encíclica *Laudato Si'*, nos oferece muitas luzes para perceber que as mudanças necessárias exigem uma nova maneira de nos relacionar com a Terra, com a biodiversidade e ecossistemas complexos e com nosso corpo, que nos recorda nosso vínculo com a Terra”.





RADIOMENSAGEM DE NATAL DE SUA SANTIDADE JOÃO XXIII AO MUNDO INTEIRO

SÁBADO, 22 DE DEZEMBRO DE 1962

Promessa de paz para toda a Terra

E com a glória de Deus nas alturas dos céus, o mistério do Nascimento de Cristo e sua comemoração mostra-se a nós peregrinos aqui embaixo como uma promessa de paz para toda a terra. *Paz na terra aos homens de boa vontade.*

A palavra *céu* aparece com frequência nos dois Testamentos, porém a supera em muito, em tantas páginas, a palavra *terra*. E na terra, a mais preciosa e mais digna de lembrança é a paz. *Paz na terra* – cantamos, de fato, com os anjos de Belém. *Paz na terra aos homens de boa vontade.*

Entre todos os bens da vida e da história, dos indivíduos, das famílias e dos povos, a paz é, na verdade, o mais importante e precioso. A presença e o desejo de paz são a segurança da tranquilidade do mundo. Porém a ela vai unida como condição indispensável a boa vontade de todos e de cada um, porque onde a boa vontade falha é inútil esperar alegria e bênção.

Buscar, pois, a paz sempre, esforçar-nos em crer nela ao nosso redor para que se espalhe por todo o mundo, defendê-la de qualquer risco e preferi-la a qualquer prova, a fim de não feri-la, para não comprometê-la. Oh, que grande responsabilidade de todos os papas agora e sempre! O esforço que anda unido nestes quatro anos de nosso humilde serviço – como o procuramos e o procuraremos sem fim – é serviço de servo dos servos do Senhor, que é verdadeiramente *Senhor e Príncipe da Paz*.(...)





Suplicamos a todos os governantes que não permaneçam surdos a este grito da humanidade. Que façam tudo para salvar a paz. Que continuem tentando, porque essa atitude leal e aberta tem grande valor para a consciência de cada um e perante a história. Promover, favorecer, aceitar as negociações em todos os níveis, sempre, é uma regra de sabedoria e prudência que atrai as bênçãos do céu e da terra.



NOITE DE NATAL DO SENHOR

PAPA FRANCISCO

Juntamente com Maria, sua esposa, José subiu “à cidade de Davi, chamada Belém” (Lc 2, 4). Nesta noite, também nós *subimos a Belém*, para lá descobrir o mistério do Natal.

1. *Belém*: o nome significa *casa do pão*. Hoje, nesta “casa”, o Senhor marca encontro com a humanidade. Sabe que precisamos de alimento para viver. Mas sabe também que os alimentos do mundo não saciam o coração. Na Sagrada Escritura, o pecado original da humanidade aparece associado precisamente com o ato de tomar alimento: “...agarrou do fruto, comeu” – diz o livro do Gênesis (3, 6). Agarrou e comeu. O homem tornou-se ávido e voraz. Para muitos, o sentido da vida parece ser possuir, estar cheio de coisas. Uma ganância insaciável atravessa a história humana, chegando ao paradoxo de hoje em que alguns se banqueteiam lautamente enquanto muitos não têm pão para viver.

Belém é o ponto de viragem no curso da história. Lá Deus, na *casa do pão*, nasce numa *manjedoura*; como se quisesse dizer-nos: Estou aqui ao vosso dispor, como vosso alimento. Não agarra, oferece de comer; não dá uma coisa, mas dá-Se a Si mesmo. Em Belém, descobrimos que Deus não é alguém que agarra a vida, mas Aquele que dá a vida. Ao homem, habituado desde os primórdios a agarrar e comer, Jesus começa a dizer: “Tomai, comei. Este é o meu corpo” (Mt 26, 26). O corpo pequenino do Menino de Belém lança um novo modelo de vida: não devorar e acumular, mas partilhar e dar. Deus faz-Se pequeno, para ser nosso alimento. Nutrindo-nos d’Ele, Pão de vida, podemos





renascer no amor e romper a espiral da avidez e da ganância. A partir da “casa do pão”, Jesus traz o homem de regresso a casa, para que se torne familiar do seu Deus e irmão do seu próximo. Diante da manjedoura, compreendemos que não são os bens que alimentam a vida, mas o amor; não a voracidade, mas a caridade; não a abundância ostentada, mas a simplicidade que devemos preservar.

O Senhor sabe que precisamos nos alimentar todos os dias. Por isso, ofereceu-nos todos os dias da sua vida, desde a manjedoura de Belém até ao cenáculo de Jerusalém. E ainda hoje, no altar, faz-Se pão partido para nós: bate à porta, para entrar e cear conosco (cf. *Ap* 3, 20). No Natal, recebemos Jesus, Pão do céu na terra: trata-se de um alimento cuja validade é ilimitada, fazendo-nos saborear já agora a vida eterna.

Em Belém, descobrimos que a vida de Deus corre nas veias da humanidade. Se a acolhermos, a história muda a partir de cada um de nós; com efeito, quando Jesus muda o coração, o centro da vida já não é o meu “eu” faminto e egoísta, mas Ele, que nasce e vive por amor. Nesta noite, chamados a ir até Belém, casa do pão, interroguemo-nos: qual é o alimento de que não posso prescindir na minha vida? É o Senhor ou outra coisa qualquer? Depois, entrando na gruta, ao vislumbrar na terna pobreza do Menino uma nova fragrância de vida, a da simplicidade, perguntemo-nos: será verdade que preciso de tantas coisas, de receitas complicadas para viver? Quais são os contornos supérfluos de que consigo prescindir para abraçar uma vida mais simples? Em Belém, ao pé de Jesus, vemos pessoas que caminharam, como Maria, José e os pastores. Jesus é o Pão do caminho. Não se compraz com as digestões lentas, longas e sedentárias, mas pede que nos levantemos rapidamente da mesa a fim de servir como pães partidos para os outros. Perguntemo-nos: no Natal, reparto o meu pão com aqueles que estão sem ele?

2. Depois de Belém, casa do pão, reflitamos sobre Belém, *cidade de Davi*. Lá Davi, na sua adolescência, era pastor e, como tal, foi escolhido por Deus para ser pastor e guia do seu povo. No Natal, na cidade de Davi, são precisamente os pastores que acolhem Jesus. Naquela noite, quando “a glória do Senhor refulgiu em volta deles – diz o Evangelho –, tiveram muito medo” (*Lc* 2, 9), mas o anjo disse-lhes: “Não temais” (2, 10). Reaparece muitas vezes no Evangelho esta frase “*não temais*”: parece o refrão de Deus à procura do homem. Porque o homem desde o princípio, devido ao pecado, tem medo de Deus: “...cheio de medo, escondi-me” (*Gn* 3, 10) – diz Adão, depois do pecado. Belém é o remédio para o medo, porque lá, não obstante os “nãos” do homem, Deus diz para



sempre “sim”: será para sempre Deus conosco. E, para que a sua presença não provoque medo, faz-Se um terno menino. A frase ‘*não temais*’ não é dirigida a santos, mas a pastores, pessoas simples que então não primavam por garbo nem devoção. O Filho de Davi nasceu no meio dos pastores, para nos dizer que doravante ninguém estará sozinho; temos um Pastor que vence os nossos medos e nos ama a todos, sem exceção.

Os pastores de Belém mostram-nos também como ir ao encontro do Senhor. Velam durante a noite: não dormem, mas fazem aquilo que Jesus nos pedirá várias vezes: *vigiar* (cf. *Mt* 25, 13; *Mc* 13, 35; *Lc* 21, 36). Permanecem vigilantes; aguardam, acordados, na escuridão; e a glória de Deus “refulgir em volta deles” (*Lc* 2, 9). O mesmo vale para nós. A nossa vida pode ser uma *expectação*, em que a pessoa, mesmo nas noites dos problemas, se confia ao Senhor e O deseja; então receberá a sua luz. Ou então uma *pretensão*, na qual contam apenas as próprias forças e meios; mas, neste caso, o coração permanece fechado à luz de Deus. O Senhor gosta de ser aguardado e não é possível aguardá-Lo no sofá, dormindo. De facto, os pastores movem-se: “foram apressadamente” – diz o texto (2, 16). Não ficam parados como quem sente ter chegado a casa e não precisa de nada; mas partem, deixam o rebanho indefeso, arriscam por Deus. E depois de terem visto Jesus, embora sem grande habilidade para falar, vão anunciá-Lo, de modo que “todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores” (2, 18).

Esperar acordado, ir, arriscar, contar a beleza são *gestos de amor*. O bom Pastor, que vem no Natal para dar a vida às ovelhas, na Páscoa dirigirá a Pedro, e através dele a todos nós, a pergunta determinante: “Tu Me amas”? (*Jo* 21, 15). Da resposta, dependerá o futuro do rebanho. Nesta noite, somos chamados a responder, dizendo-Lhe também nós: “Sou de veras teu amigo”. A resposta de cada um é essencial para todo o rebanho.

“Vamos a Belém...” (*Lc* 2, 15): assim disseram e fizeram os pastores. Também nós, Senhor, queremos vir a Belém. O caminho, ainda hoje, é difícil: é preciso superar os cumes do egoísmo, evitar escorregar nos precipícios da mundanidade e do consumismo. Quero chegar a Belém, Senhor, porque é lá que me esperas. E dar-me conta de que Tu, colocado numa manjedoura, és o *pão da minha vida*. Preciso da terna fragrância do teu amor, a fim de tornar-me, por minha vez, pão repartido para o mundo. Toma-me sobre os teus ombros, bom Pastor: amado por Ti, conseguirei também eu amar tomando pela mão os irmãos. Então será Natal, quando Te puder dizer: ‘Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que eu sou de veras teu amigo’! (*Jo* 21, 17).



MARIA AURORA DOS SANTOS MOTTA UMA RELIGIOSA FELIZ

IR. MARLENE MARIA DA SILVA

Qual é o segredo de uma Vida Religiosa Consagrada feliz?

A felicidade é o grande sonho de Deus para todos nós, foi para isso que Ele nos criou, para juntos vivermos uma felicidade plena, compartilhada, sem excluir ninguém.

Esta Religiosa, das Missionárias de Nossa Senhora das Dores, Maria Aurora dos Santos Motta, nascida no dia 1º de março de 1916, no distrito de Altamira/MG, ingressou na Congregação com 17 anos, quando recebeu o nome de Irmã Maria São Francisco de Salles, era o costume naquele tempo, mas, na convivência, o povo a chamava de Irmã Francisca. Feliz por ter consagrado sua vida a Deus para o serviço dos pobres, foi fiel até o fim, faleceu com 95 anos, no dia 16 de dezembro de 2011.

Sempre muito alegre e dedicada em tudo que fazia. Não gostava de grandes coisas, mas de trabalhos necessários, ela dizia: “na cozinha, na lavanderia, nos cuidados da saúde e sobretudo no meio dos que mais passam necessidades”. Nos vários lugares onde esteve em Missão, mostrou-se sempre muito acolhedora, simples, sábia, um sinal visível do amor de Deus e da sua presença.

Serviu por muitos anos e viveu a sua pequenez e fortaleza de coração abandonada nas mãos de Deus, inserida na realidade na Favela da Penha/





Rio de Janeiro, numa casa simples e pobre, cedida pela Irmandade, com duas ou três Irmãs. Era notável sua delicadeza e zelo pelas companheiras de comunidade e seu amor e cuidado com os empobrecidos, defendia-os e por eles era capaz de dar a vida. Piedosa e alegre, cultivava almas para Deus.

Na porta da sua casa, do lado de fora, sentavam num banco de pedra alguns traficantes, ela os escutava combinando a entrega de drogas, então junto a outra Irmã, saía e lhes dava conselhos para que mudassem de vida e mostrava o valor que tinham suas vidas. Eles mesmos quando estavam em dificuldade ou perigo iam lhe pedir conselhos. Nunca ficou alienada da realidade que a cercava e a caridade foi o meio concreto para manifestar seu amor a Jesus e aos irmãos mais pobres. Falava e testemunhava as palavras do Mestre: “O que fizeres a um dos menores de meus irmãos, é a mim que o fazes” (Mt 25,40) Viveu a dureza da vida na favela com coragem e resignação, correndo risco, mas doando sua vida com os pobres e para os pobres.

A comunidade das Irmãs era casa dos pobres, portas abertas, eles vinham sempre se alimentar, fazer um curativo, pedir socorro na doença, nos acidentes violentos... ela chamava a todos de “meus filhos”. Alma sensível aos sofrimentos das pessoas. Confiava plenamente em Deus e sabia que Ele não deixaria ninguém morrer por não ter o que comer. Possuía um jeito simples, humilde e muito humano, que atraía de crianças a idosos. Arriscava sua vida para ver corações renovados, queria que todas as pessoas fossem do bem, de Deus e que a justiça e a dignidade fossem direitos de todos. Buscava misericórdia e bondade no trato com todos. Certa vez, estando as Irmãs na sala, entrou um senhor criminoso fugindo da polícia e se escondeu no porão. Logo em seguida, entram dois policiais à sua procura, a Irmã, chorando suplica: “Não matem meu filho...”, mas eles o agarraram e a poucos passos dali o balearam. Ela passou a noite rezando pela alma daquele homem e pelos policiais que haviam tirado a sua vida.

Todos os dias descia e subia o morro, sem medir esforços, “vou visitar meus pobres”, meus porque são os que Deus me deu para cuidar. Procurava reunir as famílias, rezar com elas, ensinar o catecismo, lutar contra a pobreza e a opressão, fazer uma diferença positiva na vida das pessoas. Tinha uma dedicação especial pelas mulheres e crianças. A todos levava o conforto, uma palavra amiga e simples, um cuidado especial aos doentes... entrava nos barracos, sentava numa cama imunda, cortava as unhas de um doente, trocava seus lençóis, lavava seu rosto e mãos para aliviar o calor, gestos simples como tomar um copo de água. Quantas pessoas ela encontrou caídas na rua e dedicou toda atenção e cuidado!



Chegou a ir atrás de jovem portador de drogas e pedir para lhe entregar o que tinha, ajudava a procurar um emprego para ele, e até escondeu alguns dentro de casa para que a polícia não os maltratasse. Quando as Irmãs precisavam sair, pediam a algum rapaz que rondava por ali que cuidasse da casa, acreditava nele e este passava de suspeito a cuidador.

No hospital próximo à Penha ela era conhecida como “a mãe dos pobres” pois sempre estava lá levando um doente, um baleado... e não sossegava até que a pessoa fosse atendida. Num cômodo da sua casa ajeitou umas máquinas onde as mulheres vinham costurar ou remendar as roupas de seus filhos. Tinha sempre para elas uma palavra de incentivo, conforto e esperança.

Nunca falava mal de ninguém e nem dizia que estava cansada, ouvia com paciência quem a procurava... *“me descansarei no momento da oração com a comunidade e com Nossa Senhora enquanto rezarei o terço”*. Gostava de rezar, estar primeiro com o Senhor, lugar de se integrar para estar bem com as pessoas. Suas ações revelavam um coração habitado pelo amor, sem se deixar contaminar pelas coisas do mundo.

Depois que deixou o trabalho na favela da Penha, esteve um tempo em Alagoas, onde também enfrentou desafios, e semeou seu zelo e dedicação aos marginalizados da periferia e ao povo da zona rural. Depois da Vila aparecida em Belo Horizonte/MG, juntamente também com “seus pobres”, veio para a Casa das Irmãs idosas, em BH. Certa vez disse: *“nunca mais deixarei de rezar pelos pobres que Deus me deu para fazê-los melhores e pelos perseguidos por agirem mal, sei que eles são bons e tem Deus no coração como eu”*. Acolheu o tempo da velhice com muita fê e serenidade, *“penso que já devolvi quase tudo que Deus me confiou para fazer o bem e aproximar as pessoas dele. Agora estou pronta para quando ele quiser me levar, continuarei apreciando o seu amor nas pessoas que agora cuidam de mim. Uma Irmã muito querida pela Congregação, de convivência agradável, atingia corações pela sua simplicidade e palavras cheias de afeição e bondade, que consolavam. Se alguém lhe perguntasse como estava, ela respondia: “estou nas mãos de Deus”*.

Não foi conhecida no mundo todo, nem homenageada por ter sido boa professora, diretora, mas por onde ela passou deixou marcas indelévels, ‘passou fazendo o bem’, amando e servindo incondicionalmente a todos. Foi uma “profetisa da esperança”.

Então, o segredo de uma Vida Religiosa Consagrada feliz consiste em permanecer na sintonia de corações. Com o coração de Jesus para se deixar amar por Ele, e com o coração do povo para amá-lo e servi-lo.



NOVA DIRETORIA DA UISG 2019-2022

Em 14 de maio os Delegados da UISG elegeram a Presidente da UISG e os membros da Diretoria para 2019-2022:

- Irmã Jolanda Kafka – Presidente
Religiosas de Maria Imaculada – Missionária Claretiana
- Irmã Franca Zonta –Vice-Presidente
Filhas de Maria Imaculada – Marianista
- Irmã Anabela Carneiro
Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus
- Irmã Monica M. Ncube
Irmãs Missionárias do Preciosíssimo Sangue.
- Irmã Licia Mazzia
Irmãs Franciscanas dos Pobres.
- Irmã Josephine Kane,
Irmãs de Nossa Senhora das Missões.
- Irmã Mary Teresa Barron
Irmãs de Nossa Senhora dos Apóstolos.
- Irmã Monica Joseph
Religiosas de Jesus e Maria.
- Irmã Roxanne Schares
Irmãs de Notre Dame.
- Irmã Autora Torres
Irmãs Servas de Maria Reparadora.
- Irmã Luigina Coccia – substituta
Irmãs Missionárias Combonianas
- Irmã Mary Babic – substituta
Irmãs de Nossa Senhora de Sion





NATAL: ROSTO VISÍVEL DO DEUS DA PAZ

PADRE ADROALDO¹

“Paz na terra aos homens que o Senhor ama”! (Lc 2, 14)

Os anjos proclamam o significado daquela Noite Santa de Natal: o céu e a terra se reconciliam, porque Deus faz chegar a paz e a salvação a todos os seres humanos. A Criação inteira celebra a soberana Bondade e o amoroso Coração do Criador, sendo, portanto, uma celebração da alegria e da paz.

A noite de Belém foi isso: noite de excessos, uma experiência desmedida que nos transborda, limites e fronteiras que são ultrapassadas, obscuridade inundada de resplendor, silêncio explodindo em hinos, pastores se deslocando em busca da gruta...; tudo se pacifica, tudo se harmoniza...

Na criança indefesa da Gruta em Belém, descobrimos a dignidade de todo ser humano, porque Deus se “humaniza” e faz de cada coração sua morada. Em todos se revelam a ternura e o amor que Deus nos tem.

Felizes aqueles/as que, na noite do Nascimento de Jesus, se mostram sedentos de paz e justiça, e despertam dentro de si uma fome crescente para tornar realidade a igualdade e dignidade de todo ser humano!

Natal, festa expansiva, acontece quando lutamos pela paz e pela justiça, pelo amor encarnado, por uma nova humanidade mais fraterna, livre, junto à natureza e ao universo que nos rodeiam, nosso verdadeiro lar, no qual nascemos e para onde retornamos.

¹ Membro do Centro de Espiritualidade Inaciana (com sede em Campinas); formado em Espiritualidade (Gregoriana) e atua na orientação de Exercícios Espirituais nas casas de retiros da Companhia de Jesus e de outras congregações religiosas. Novo endereço: R. Ricardo Tim, 183, Ponte Preta. 13041-460 - Campinas/SP.





Cremos na paz do coração e no empenho por deixá-la transparecer no mundo em que vivemos, tão carente de pacificadores.

Ditosos somos nós se podemos saborear e abraçar a **paz** do coração que o Menino Jesus traz e oferecê-la largamente para que outros possam também receber seu dom: sem defesas, sem preços, sem temores.

Que nosso coração, apesar de tudo, continue pulsando em paz, na Paz que tudo cria e transforma!

PAZ: anseio universal

“Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não é à maneira do mundo que eu a dou” (Jo 14,27)

Há milênios que a palavra “**paz**” ressoa e ecoa na história dos povos. Muitos homens e mulheres a cultivam secretamente no coração. Todos buscam a paz; todos a invocam; muitos dão a vida, defendendo-a.

Seu uso interesseiro, no entanto, fez da “paz” um termo ambíguo e problemático. Hoje, em geral, as mensagens de paz tornam-se bastante suspeitas e não conseguem muita credibilidade. E a extrema contradição é aquela que justifica o uso de armas para conseguir a paz.

Aqui nos encontramos diante de uma das carências que mais afeta o ser humano, porque a ausência de paz é a prova palpável de uma falta de humanidade em todos os níveis. Não podemos descobrir o que significa paz quando nos vemos cercados de violências e conflitos; não podemos experimentar a paz alimentando uma “cultura da indiferença”, do preconceito e da intolerância.

Muitos se perguntam para onde vai nosso mundo, surpreendidos e preocupados pelo crescimento de uma violência desconcertante. Em muitos países triunfam líderes populistas, manejados por forças ocultas sem escrúpulos e marcados por discursos intolerantes, preconceituosos e julgamentos moralistas; a corrupção vai lançando raízes em todos os ambientes; os conflitos e as rupturas se acentuam; a Igreja católica é sacudida por uma grande crise de credibilidade; o sistema de valores e conhecimentos está mudando profundamente. Vivemos um momento de transição ou um colapso de uma civilização: uma metamorfose da sociedade que afeta todos os aspectos da vida, pessoal e coletiva, de toda a humanidade. Trata-se, pois, de uma crise global, embora às vezes possa parecer local ou inclusive pessoal. Tudo isso nos inquieta, nos tira a paz.



Também é evidente que, no contexto de uma sociedade produtivista, consumista, competitiva, indiferente e nada cooperativa, não pode haver paz. Quando muito uma pacificação forçada, por imposição.

Sabemos que não são as contendas internacionais, por muito danosas que sejam, que impedem os seres humanos de alcançarem sua plenitude. Os grandes conflitos têm sua origem em nossos próprios conflitos internos; nossos corações estão carregados de maledicências, julgamentos, legalismos, moralismos e imposições sobre os outros.

O medo daquele que pensa, crê, sente e ama de maneira diferente aumenta as distâncias, cria muros e bolhas de proteção que dão uma falsa sensação de segurança e paz. Nunca se investiu tanto em segurança e, no entanto, a cultura da paz está cada vez mais esvaziada.

Em virtude dessa brutal situação de violência, observa-se em toda parte um grande clamor social pela paz. Esse clamor das multidões está nas ruas, nas grandes passeatas pela paz, nas redes sociais e está no desejo mais profundo de cada um de nós.

Infelizmente, todos os dias aparecem, nos meios de comunicação, mais motivações para a violência do que razões para a paz. Entretanto, precisamos afirmar: “não fomos feitos para a violência”; a humanidade não é naturalmente inclinada à violência. Nosso coração é habitado por um desejo profundo de paz: *“Felizes os que promovem a paz”!* (Mt 5,9)

A **paz** ainda não encontrou espaço para ser a companheira de estrada em nosso cotidiano. Permanece a promessa profética de que ela habitará na nossa terra. Assim, o que parece sonho impossível, reina desde sempre no coração do Senhor, amante da Paz, e se realizará graças àquelas pessoas revolucionárias, que acreditam, desejam e constroem a **paz**: aquela Paz que vem do alto.

“**Paz** ‘solidária’ que abraça os excluídos; **paz** ‘resistência’ que não se acovarda; **paz** ‘audácia’ que não se amedronta; **paz** ‘limpa’ que não corrompe a ética; **paz** ‘profética’ que encarna a justiça; **paz** ‘rebelada’ que não se dobra; **paz** ‘estética’ que revela a face bela da nova humanidade” (Juvenal Arduini).

Paz, um bem escasso, mas tão precioso que é sempre desejado e buscado, para que a vida se torne um pouco mais plena e com sentido: paz interior, paz na família, paz nas relações de trabalho, paz na ação política e paz entre os povos.



Uma ótima definição de paz a encontramos na Carta da Terra ao afirmar: “a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras formas de vida, com a Terra e com o Todo do qual fazemos parte” (n. 16). A paz não é algo que existe por si mesma, não brota de forma espontânea, mas deve ser preparada e cultivada.

Como cristãos, devemos criar politicamente outro tipo de sociedade fundada nas relações justas entre todos, com a natureza, com a Mãe Terra e com o Todo que nos sustenta. Então florescerá a paz que a tradição ética definiu como “a obra de justiça”.

SHALOM: vida que se plenifica

“Cristo é a nossa paz” (Ef 2, 14)

Por ser tão difícil e ameaçada, a **paz** na Bíblia sempre foi considerada um bem extremamente precioso.

O significado do termo “paz”, ao longo da história, foi mudando profundamente, afastando-se cada vez mais de seu sentido bíblico.

Ah, se recuperássemos o sentido do “**shalom**” judaico! Nessa expressão se encontra condensado todo o significado verdadeiro da **paz**. Nossa palavra “paz” tem conotações exclusivamente negativas: ausência de guerras, de conflitos, de intrigas, etc. Mas, a expressão “shalom” se refere às realidades positivas; dizer “Shalom” significa manifestar um desejo de que Deus conceda a cada um tudo o que necessita para ser autenticamente humano, incluída a presença mesma de Deus no interior de cada um.

Shalom indica um estado de bondade e bem-estar que tem sua origem em Deus. Nele estão incluídas a concórdia, a harmonia, a ordem, a segurança e a prosperidade. A paz é um modo de viver que brota do coração de Deus e se funda na misericórdia, no perdão, na bondade, na justiça, na fidelidade à Aliança.

Também na raiz bíblica do termo “**shalom**” está a ideia de “algo completo, inteiro”, “estar terminado”.

Paz significa o que é integral, o que plenifica a vida. Shalom é vida em expansão, na presença de Deus.

Portanto, quem vive no “Shalom” está com saúde, sente-se bem, encontra-se em um estado de plenitude.



Quando alguém deseja “Shalom” a outro é como se dissesse: “*Que Deus te conceda todo o necessário para viver em amizade com Ele, em fraternidade com o próximo e calma dentro de ti mesmo*”.

A **paz** pertence à plenitude, à completude, enquanto a **violência** está do lado da falta, da carência, do incompleto. **Paz** reflete harmonia consigo, boas relações com os outros, aliança com Deus, enquanto a **violência** infecciona os relacionamentos, contamina a convivência, quebra as relações, exclui os mais fracos...; há uma paz falsa que é a injustiça estabelecida, porque a verdadeira paz está ligada à justiça. Não há **paz** sem liberdade, não há **paz** sem verdade.

Já no AT, **Paz** é um conceito que pertence à ordem familiar, social, política e religiosa, e inclui, de algum modo, a prosperidade, plenitude, benção de Deus. “Shalom” significa a abundância de meios para que um ser humano possa conseguir seu desenvolvimento pleno. Ser portador da paz é proporcionar esses meios que fazem com que cada ser humano se sinta harmonizado e convidado a humanizar seu entorno. Significa não ser causa de tensões nem externas nem internas; significa ajudar as pessoas a serem mais humanas.

Paz autêntica contém densidade humana; ela engloba todas as dimensões da vida. Neste sentido ela tende a ser universal. “Shalom” aplica-se a todas as relações de uma pessoa: a relação consigo mesma, com a sua família, com a sociedade mais ampla da qual faz parte, com a natureza, com Deus.

Quando nas primeiras comunidades cristãs se falava de paz, não pensavam, em primeiro lugar, numa vida mais tranquila e menos problemática, que discorria com certa ordem por caminhos de um maior progresso e bem-estar. Paz não significava sossego, nem mera passividade, nem concordismo; nada tinha a ver com a chamada “paz de cemitério”; também não era simples ausência de crise.

Antes disto e na origem de toda paz individual ou social estava a convicção de que todos são acolhidos por Deus apesar de suas fragilidades e contradições, todos podiam viver reconciliados e em amizade com Ele. Isto é o primeiro e decisivo: “*Estamos em paz com Deus*” (Rom 5,1).

O/a seguidor/a de Jesus, seja onde for, devia ser presença que deixava transparecer a harmonia, compreensão, amor, paz. Paz de consciência inocente, dos justos que fazem o bem, dos profetas que arriscam em favor dos outros. Nisto consiste o Reino de Deus.



Não se pode traçar uma linha clara que separe entre a “Paz de Deus” e a “paz do mundo”.

A “**Paz=Shalom**”, dom de Deus, capacita a humanidade para a realizá-la e construí-la neste mundo, realizando a vontade de Deus. Longe de ser uma paz apenas interior, ela tem mãos e pés, cabeça e coração. Ao mesmo tempo aponta para além de si própria, na esperança do “Príncipe da paz”.

Quando irromper o novo tempo, o Messias esperado será chamado pelo Profeta Isaías de “Príncipe da Paz”.

O Novo Testamento, no relato da infância de Jesus, o apresenta como o portador da paz ao mundo por excelência. Em Lc 2,14, por ocasião de seu nascimento, os anjos anunciam: “*Gloria a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por ele amados*”. No nascimento de Jesus a paz, em seu significado pleno de salvação, de ausência de conflitos e de vitória sobre o mal e a injustiça, é oferecida a todo ser humano.

N’Ele se revela a chegada da *paz messiânica*. Ela é a visibilização de relações misericordiosas com as diferentes realidades que nos rodeiam. Sem estas relações misericordiosas nunca desfrutaremos a paz.

É esta Paz=Shalom que Jesus, pela sua Encarnação e Nascimento, veio trazer e que a nós cabe tudo fazer para sermos facilitadores de uma cultura da paz e do encontro.

NATAL: encontro com o “Príncipe da Paz”

“Pois nasceu para nós um menino, um filho nos foi dado. O poder de governar está nos seus ombros. Seu nome será maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai para Sempre, Príncipe da Paz” (Is 9,5)

O relato do **Nascimento de Jesus** nos desafia a superar a rotina acostuada e romper as estreitezas da vida para poder acolher a admirável profundidade que se esconde e se revela na simplicidade da cena que, em seu nível mais profundo ou espiritual, fala de todos nós. Ali fala-se de alguns pastores, de um presépio, de um recém-nascido, de uma mulher que “guarda” um segredo, de glória e louvor a Deus. Toda a cena quer introduzir-nos em um Silêncio admirado e agradecido, pleno de luz, de paz e de gratidão.



A simplicidade do relato nos convida a mergulhar no Mistério que aí se expressa. Tudo está aí. E, da mesma maneira, tudo é agora. Pastores, presépio, recém-nascido, mulher silenciosa...: quando sabemos olhar, descobrimos que tudo está cheio da Presença, que é atemporal e ilimitada.

A Presença ou o Mistério não é uma realidade separada, à margem das coisas, nem sequer “ao lado delas”. Por esse motivo, os pastores, a mãe, o presépio, o recém-nascido... representam a realidade inteira: *somos nós mesmos*, é tudo o que nos rodeia neste preciso momento, são todos os seres. Como diz o livro da Sabedoria: “*todos levam teu sopro divino*” (12,1).

A **paz** é um dos dons que se faz visível no rosto do Deus-Menino e, como seus/as seguidores/as, somos desafiados/as a uma visão mais aprofundada, pessoal e coletiva, sobre o sentido e a força mobilizadora da verdadeira **paz**.

Jesus “*desce*” aos rincões da humanidade; na contemplação do seu **Nascimento**, somos impulsionados a fazer a travessia para o interior de uma **Gruta**: ali o Grande Mistério se faz visível e revelador do sentido da existência humana. Um Deus que “adentrou” na humanidade e de onde nunca mais saiu; um Deus que agora pode ser buscado em nossa interioridade e em tudo o que é humano.

Ao nos aproximar da Gruta de Belém, com todos os nossos sentidos abertos, começamos a “*sentir e saborear a infinita suavidade e doçura da divindade, da alma e de suas virtudes, e de tudo o mais*” (S. Inácio – EE. 124), pois tudo foi alcançado pelo amor encarnado de Deus.

Em Belém, somos pacificados de nossas ansiedades e pressas, de nossa sede de poder e de acumular mais; e, se permanecemos em silêncio ali, diante do menino deitado no presépio, brotará em nós um desejo profundo de sermos mais **humanos**, de sermos aquilo que já somos no rosto aberto daquele Menino; ao mesmo tempo, brotará também um desejo de venerar cada ser humano, de contemplá-lo em seu interior, esse lugar ainda não profanado em cada pessoa, o lugar de sua infância e de sua paz.

No Natal confessamos: apareceu um Menino; fizeram-se visíveis a ternura e a doçura do Deus que salva.

A ternura pobre do presépio ajuda a dizer “sim” ao que importa e a recuperar nosso centro em Deus.

Por isso, a paz é carregada de ternura. Só a ternura de uma criança pode nos tirar de nossos lugares atrofiados. A **ternura** de Deus continua fazendo-se alternativa original. Quando expandimos nosso espaço



interior e a acolhemos, a ternura nos move a fazer visitas inesperadas a enfermos, presentear tempo e não objetos, investir a “fundo perdido” em quietude, oração e reconciliação e substituir as felicitações impessoais dos celulares por palavras de vida, que ajudem a curar feridas do caminho.

A ternura alternativa acolhe solidões, sofrimentos familiares e enfrenta os contratempos da vida tal como aparecem, anunciando que Deus nasce para todas e cada uma de nossas histórias. Depende de nós abrir-lhe a porta e deixar que ela faça morada em nós.

Com a ação ousada e surpreendente de Deus, a periferia se põe em efervescência, os pobres e excluídos se agitam, uma alegria contagia a todos. Uma novidade foi introduzida por Deus na história da humanidade: chegou a vez do protagonismo dos últimos, dos pequenos, da “massa sobrando”...; quem estava “fora” ocupa o centro das atenções; o olhar de todos se dirige para a periferia da história, onde Deus se faz **“margem”**. Na Encarnação e Nascimento de Jesus esvaziou-se o céu. Deus abandonou o trono altíssimo, fez-se hóspede nas entranhas profundas da humanidade e assumiu tudo o que é radicalmente humano.

Neste sentido, a paz brota da hospitalidade. Se queremos a paz, preparemos as boas-vindas, aprendamos a ver os outros não como inimigos, mas como seres humanos, cujos rostos nos convidam a expandir nossas fronteiras para encontrar-nos neles, em diálogo e comunhão com suas necessidades, sorrindo com eles e recebendo-os em nossas casas.

A hospitalidade é a chave para construir um mundo humano, sem fronteiras, onde todas as pessoas possam viver juntas e em paz.

Caminho da interioridade: desvelamento da verdadeira paz

“A paz de Deus, que excede toda a compreensão, guardará os vossos corações e pensamentos, em Cristo Jesus” (Fil 4, 7)

O “shalom” judaico é muito mais rico que nosso conceito de paz; mas o evangelho de João acrescenta um “plus” de significado sobre o já rico significado judaico. A paz, de que fala Jesus, tem sua origem no interior de cada um. É a harmonia total, não só dentro da pessoa, mas com os outros e com a criação inteira. Corresponde ao fruto primeiro das relações autênticas em todas as direções; expressa a consequência do amor que é Deus em cada um, descoberto e vivido. A paz não é buscada



diretamente; ela é fruto do amor. Só o amor, ativado e manifestado no próprio interior, conduz à paz verdadeira. Poder-se-ia dizer que esta “paz” não é algo diferente do Espírito. É a paz de quem permanece ancorado em sua identidade profunda, sem identificar-se com os altos e baixos das circunstâncias, nem perder-se com o “vai-e-vem” da mente.

É a paz que supera toda razão, porque brota das profundezas do nosso interior como “beatitude original”; **paz** que se revela como interioridade alegre, espontânea, confiante.

Aqui está a grande novidade da mensagem e da experiência do Natal: revelar que o **lugar da presença** do Deus da Paz é o ser humano. Ele é experimentado dentro de nós; mas também é preciso descobri-Lo dentro de cada um dos outros seres humanos; presença que brota de dentro e nos sensibiliza a percebê-Lo no outro.

“*Deixar Deus ser Deus em nosso interior*” significa entrar no fluxo da dinâmica divina, ou seja, viver encontros divinizados, sendo presença pacificada, expressando palavras e atos em favor da paz.

A presença de Deus em nosso interior fica atrofiada quando nossa vida é carregada do veneno do preconceito, da intolerância, do julgamento, da suspeita e do medo do diferente. É justamente essa presença divina no eu profundo que nos diferencia e nos torna originais.

A Paz, por si mesma, é expansiva; por isso, encontrar-nos com Deus na própria morada interna não é fechar-nos num intimismo estéril; implica ampliar o espaço do coração para acolher o outro que pensa, sente e ama de maneira diferente, porque também ele é morada da Criança de Belém.

Ao nos reconhecermos nessa morada interior, podemos receber a **paz** cantada pelos anjos diante dos pastores; não só isso: descobrimos que “**somos paz**”. Não é a “paz do mundo”, que sempre é oscilante e inconstante, senão a Paz que abraça todas as situações da vida, porque estamos enraizados naquilo que realmente somos.

A paz natalina é a paz que somos, no nosso “eu” mais profundo.

A paz não é “algo”, nem vem “de fora”, nem é condicionada. A Paz da qual os anjos proclamam é a unidade com nossa interioridade: é outro nome daquilo que somos.

A **paz** que nasce do encontro com a Recém-nascido de Belém não se atemoriza frente à dor, nem se desaba quando aparecem situações adversas. Abraça estados de ânimo contraditórios, transcende o imediato.



Esta **paz** não é só ausência de conflitos, mas vida mais plena que nasce da confiança total no “Deus que se faz carne” e afeta o interior mesmo de cada pessoa. Esta paz não depende só de circunstâncias externas. É uma paz que brota no coração, vai se expandindo e afetando a pessoa inteira e, a partir dela, se estende aos outros.

Essa paz é dom de Deus, mas é também fruto de um empenho contínuo que se prolonga por toda a vida. Acolher a paz de Deus, conservá-la fielmente no coração, mantê-la em meio aos conflitos e contagiá-la aos demais, exige o esforço apaixonante de unificar e enraizar a vida em Deus.

Esta paz não é uma compensação psicológica frente à falta de paz na sociedade; também não é uma evasão pragmática que afasta dos problemas e conflitos; não se trata de um refúgio cômodo para pessoas desenganadas ou céticas diante de uma paz social quase impossível. Se é verdadeira paz de Deus, ela se converte no melhor estímulo para viver trabalhando por uma convivência pacífica entre todos e para o bem de todos.

Por isso, enquanto se luta por um mundo justo e fraterno, é fundamental começar por ativar a paz dentro de si, a tão sonhada **“paz de espírito”**. Quando alguém vive em “estado de paz”, está em sintonia com o “Príncipe da Paz”, no mais profundo do “eu” humano, na relação com o “outro”, na comunidade, enfim, no contexto vital em que está inserido, profundamente interligado à totalidade do cosmos.

Sabemos que o movimento da superfície do mar não nega a quietude das suas profundezas. Quando saboreamos o silêncio, experimentamos que, para além das circunstâncias e debaixo da agitada superfície da mente, existe um nível profundo que permanece estável, em silêncio e em paz. Por isso, com razão afirma o texto joanino que a “paz de Jesus” não é aquela que o mundo nos oferece. Esta última dura o que dura a bonança, é uma “paz” devedora das circunstâncias. A paz de Jesus, pelo contrário, é uma paz sem objeto, porque não depende de outro fator; é consistente em si mesma.

A **paz** não é uma realidade que possamos buscar com um cantil. A paz será sempre a consequência de relações verdadeiramente humanas, entre nós. Se não existe uma autêntica qualidade humana não pode haver uma verdadeira paz, nem entre as pessoas nem entre as nações.

O primeiro passo na busca da paz deve ser dado por nós, cada um, caminhando em direção ao nosso próprio interior. Se não conseguimos uma harmonia interior, se não descobrimos nosso verdadeiro ser e o assumimos como a realidade fundamental em nós, nem teremos paz nem



poderemos ser presença pacificadora. Este processo de maturação pessoal é o fundamento de toda verdadeira paz. Uma autêntica paz interior se reflete em todas as nossas relações humanas, começando pelos mais próximos.

O ponto de partida da **paz cristã** é a experiência da vida como gratuidade, ou seja, como dom recebido de Deus, presente de Sua vida e Seu amor sobre a humanidade ferida por tantos conflitos. O Deus Criador só atua através da paz e pede que sejamos mananciais de paz.

A paz nasce no coração daqueles que se deixam conduzir pelo mesmo Espírito de Jesus.

Na perspectiva do Evangelho, a paz deve ser compreendida e vivida como “bem-aventurança” (paz interior), que se abre e se expressa na busca da pacificação externa. *“Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”* (Mt 5,9).

Inspirados no modo de viver de Jesus, podemos nos revestir das “bem-aventuranças” como horizonte e caminho de pacificação. Nesse sentido, são bem-aventurados/as aqueles/as que afastam de seu coração as sementes do ódio, da ofensa, do preconceito; são aqueles/as que, em sua presença pacificadora, não abandonam a ternura, a proximidade, a atenção compassiva...; aqueles/as que, inspirados/as na arte da pacificação de Jesus e de tantos profetas da paz, descobriram o valor da não-violência e a vivem cada dia.

Quando perdemos o caminho da **interioridade**, permanecemos na superficialidade de nós mesmos; ali não há húmus onde enraizar a paz; é da superficialidade de nós mesmos que brotam os julgamentos, a indife-rença, a atrofia da comunhão, o extravio da ternura, a segregação..., constituindo o ambiente favorável para todo tipo de rupturas, conflitos, frieza nos relacionamentos...

É preciso, como os pastores, entrar na Gruta interior para encontrar Aquele que é o Príncipe da Paz; aproximar-se desta Criança significa ativar todos os recursos pacíficos que carregamos dentro de nós.

Basta “**olhar**” em profundidade. Pacificada a mente, silenciado o coração... abre-se passagem para a contemplação. Tudo está em tudo. E tudo é um admirável Mistério de Unidade.

E diante dessa manifestação, o que nos resta? A atitude de **Maria**: acolher todas as coisas, “*guardá-las*”, “*meditando-as no coração*”. Ir mais além dos conceitos e das palavras e, desse modo, descansar – admirados, agradecidos, irmanados – no Mistério e deixar-nos conduzir por Ele.



“*Meditar as coisas no coração*” significa ativar o “olhar contemplativo” que se encontra em todos nós e que se manifesta quando cessamos nosso palavreado crônico. Serenados/as ^{mlk34} interiormente, somos presenteados com o dom de permanecer no presente, onde tudo está bem, onde tudo flui mansamente e na santa **paz**.

Vida Religiosa Consagrada: viver a criativa arte da pacificação

“Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz...” (Is 52,7)

Um dos critérios de discernimento de nossa verdade como seguidores/as de Jesus é se realmente temos **paz** em nós, se vivemos em paz com os outros, se somos facilitadores de paz em torno a nós.

Quem contempla a realidade com os olhos simples dos **pastores**, não faltarão ocasiões para reconhecer a criatividade de Deus em ação, a inovação do Espírito movendo corações, criando cenários novos, mais humanos, com mais profundidade, mais do Reino.

Como nos tempos bíblicos, também estamos vivendo um “**exílio**”. Tanto naquele como neste contexto atual é que se revela a missão original e inspiradora dos profetas e das profetisas.

Como ser presença diferenciada em meio a muita gente desconcertada e desesperançada? Como alimentar esperança? Como ativar uma imaginação criativa? Como fomentar a paz em uma realidade profundamente dividida?

Esta deve ser a marca característica da VRC: o otimismo frente à realidade e a esperança diante do novo que vem. Crer em um Deus que se encarna no simples e que realiza suas promessas, permite viver a experiência do Natal como quem estreia todas as possibilidades, inclusive abertura às possibilidades antes inexistentes. Isto é o que ocorre em nosso tempo natalino: a irrupção de Deus no pequeno e a partir de baixo, modifica radicalmente nossa visão atrofiada da realidade e nos capacita a vislumbrar o broto germinal de uma nova história. Por isso, somos gente carregada de esperança e paz, pois somos n’Aquele que faz tudo novo.

A partir desta realidade profunda podemos evocar as palavras angelicais na noite de Natal – “*e na terra, paz aos que Deus ama*”- onde se concentra a herança do/a discípulo/a amado/a de Jesus, mulher e



homem de amor pacificado e pacificador, que busca e propõe a paz do amor intenso, que acolhe, perdoa, transforma de um modo gratuito (em amor) a vida das pessoas.

Por isso, Natal fala de outra paz, a do amor que acolhe, do perdão que cria vida, da vida que começa a partir dos vencidos, dos derrotados. Essa é a paz que não vem das armas nem do dinheiro, a paz forte da vida daqueles que amam. A paz como dom em nossos corações, a paz como compromisso com os outros. Não a paz que se impõe pela força e dominação, mas que nasce da experiência radical de um Amor que se expande como Vida e se oferece, de um modo especial, aos excluídos.

Enfim, somos chamados a visibilizar a paz do Menino Jesus, feita de gratuidade amorosa.

Esta é a paz instigante e exigente, paz gratuita e criativa, que a VRC busca testemunhar com sua palavra e sua presença inspiradora.

Quando, na comunidade religiosa, se perde a paz, não é possível recuperá-la de qualquer maneira, nem serve qualquer estratégia. Com o coração cheio de ressentimento e cegueira não é possível introduzir a paz de Jesus. É necessário converter-nos humildemente à sua verdade, mobilizar todas as nossas forças para abandonar caminhos equivocados e deixar-nos guiar pelo Espírito que animou a vida inteira de Jesus.

Como seguidores/as do “Príncipe da Paz”, devemos primar por construir **“espaços de paz”** e sermos **presença pacificadora: paz** que vem do alto, que brota do interior, que aquece nossos corações, plenifica nossas relações e se expande, tal como perfume, em todas as direções.

Paz que é aspiração congênita do ser humano. Nosso coração humano foi feito para a **paz** e anseia a convi-vência harmoniosa com Deus, com o cosmos, com os nossos semelhantes. É processo interminável.

Paz que é síntese de bens, é sinfonia inacabada, arte social, estado de espírito que gera a comunhão. *“Paz soa suave ao ouvido, saborosa ao paladar, macia ao tato, perfumada ao olfato, sonhadora aos olhos. “Onde está o olhar, aí está o amor”. Nosso olhar volta-se para o mundo da paz, porque aí está o nosso coração, o nosso amor”* (Pe. Libânio).

Aprender a amar, preocupar-se com os outros, vibrar com a diferença, entrar em harmonia não só com as outras pessoas, mas com toda a criação é a autêntica preparação para a paz. Quem ama não cria conflitos e fica encantado quando todos tenham acesso aos melhores recursos na própria interioridade.



Quem tem **paz** irradia luz. Quem vive na **luz** constrói a **paz**. **Paz** expansiva, **paz** que é respiração da vida, **paz** marcada pela esperança.

Questões para refletir

Há lugares em nosso interior que não são visitados. Há fronteiras, há arame farpado e é por aí que deve começar a construção da **paz**.

Natal nos revela que a **paz** é um trabalho muito paciente, de artesanato.

A **paz** começa nesta arte de aplinar as arestas em cada um de nós; isso significa construir a **paz** em nossas diferentes dimensões: corporal, mental, afetiva, espiritual... Há divisões e conflitos em nosso interior; é difícil fazer a **paz** entre nossa razão e nosso coração, entre o nosso instinto e a nossa afetividade..., mas nós podemos, pacientemente, construir a **paz** do coração.

Da nossa interioridade brota a **paz** que se projeta na relação com os outros, construindo oásis de acolhida.

- O que prevalece na sua **presença** junto aos outros: pacífica, harmoniosa, inspiradora... ou conflituosa, violenta, excludente, preconceituosa...?
- O contexto social e político que estamos vivendo tem gerado muitas divisões, ódios, preconceitos... O que você tem feito para contribuir com um ambiente mais pacificado, onde as visões diferentes sejam respeitadas?
- O critério de veracidade da VRC deveria ser, sem dúvida, a construção de “**ambientes de paz**”, onde a ternura, a proximidade, a atenção personalizadora, o olhar compassivo e o sorriso pleno de carinho... fluem naturalmente. Como tornar visível esta realidade pacificadora em sua comunidade?



SER IRMÃO HOJE: LUZES, DESAFIOS E UTOPIAS

IRMÃO LEONARDO DE FARIA STOCH¹

Introdução

O Concílio Vaticano II significou para a Igreja ser um sinal de esperança na reconstrução de um modelo eclesiológico, pautado no comprometimento com o seu Corpo Místico que é o Povo de Deus. Deixando uma “supervalorização” do modelo hierárquico, além de passar de uma visão de Sociedade Perfeita para Igreja mistério; de uma visão essencialista, para uma visão histórico-salvífica da sua missão (SATLER, 2015, p. 105). Essa mudança na visão eclesiológica trouxe consequências para toda a Igreja, retornando às fontes da vida cristã e redescobrimdo a Palavra de Deus como caminho e fonte de vida.

O caminho que o Religioso Irmão percorreu na Igreja ao longo dos séculos foi influenciado negativamente pela clericalização, anterior ao Concílio Vaticano II. Muitas vezes, o Religioso Irmão foi identificado como o não sacerdote, devido à centralização do presbiterado e por uma falta da compreensão da identidade e da especificidade da vocação do Irmão na Igreja (FERRE, 2016, p. 683). Os Irmãos ficaram excluídos ou deixaram de ser lembrados, simplesmente por não serem clérigos.

A Igreja ainda hoje necessita conhecer a identidade e missão do Religioso Irmão, para que ela seja valorizada e vista em sua integralidade.

¹ Irmão Marista





Neste caminho, torna-se necessário refletir sobre a presença atual do Irmão, os riscos que a vocação pode correr frente aos novos paradigmas, sua diversidade de formas nas congregações e ordens e as luzes que este seguimento de Jesus apresentam diante do mundo contemporâneo.

Dificuldade na compreensão de sua identidade

É certo que, tanto entre os Irmãos, quanto em toda a Igreja, há uma dificuldade de compreender a identidade do Irmão, quanto o que ele é e o que ele realiza. Muitas vezes o Irmão é descrito a partir do que ele faz, como, por exemplo: aquele que dá aula, aquele que se faz presente no meio dos jovens, que é o diretor da escola, faculdade, coordena a equipe de catequese e tantos outros campos de missão. No entanto, essas atribuições indicam muito mais o apostolado que o Irmão exerce do que sua identidade, aquilo que ele é por vocação. Quando se pergunta a respeito do que é o Irmão, as respostas são simplistas como: “o Irmão é como um presbítero, mas não celebra missa” ou “o Irmão é como uma religiosa, mas a versão masculina” (FERRE, 2016, p.684).

O fato de o Irmão não pertencer à estrutura hierárquica da Igreja, embora se sinta profundamente envolvido como membro dela, resgata a sua dimensão profética, de um modo de ser Igreja mais fraterna e participativa: Uma Igreja comunhão (FERRE, 2016, P.690). Corre-se o risco, também, de a vocação à fraternidade ser vista e limitada às mulheres, na ausência da condição clerical: “[...] A mensagem que pode se perceber de tal visão errônea é que a vocação de “Irmão”, sem conotação clerical, é algo próprio de mulheres, inadequado e insuficiente para varões... Certamente essa “exclusividade” não supõe afago para as mulheres, também não beneficia a mesma noção de fraternidade” (SOTERAS, 2012, p.386). Tal dimensão reduz a riqueza desta vocação religiosa tanto para as mulheres, mas sobretudo para os homens, que, tendo opção pela vida clerical na Igreja, escolhem livremente a vocação à fraternidade.

Devido a essa má interpretação, por muito tempo o Irmão foi visto como aquele que estava à disposição das necessidades do padre. Com exceção de algumas Ordens mistas e Institutos exclusivamente constituído de Irmãos, a missão migrou para as oficinas, cozinhas e ou se pôs à disposição servicial dos padres (SATLER, 2015, p. 16). Prova dessa eclesiologia e visão do Religioso Irmão é o fragmento de um artigo publicado na revista Convergência da CRB em 1960:





[A vocação do Religioso Irmão] quase desconhecida entre os rapazes por falta de esclarecimentos e informações em torno de seu conteúdo. Vocações necessárias em torno do quadro de conquista e expansão da Igreja, pois são os Irmãos leigos que trazem o testemunho de consagrados para o trabalho manual, que adquire assim em suas mãos um caráter sacral, apostólico, diretamente voltado para a cidade de Deus. É o testemunho de Cristo operário, Cristo de vida de oficina (FEITOSA, 1960, 279 apud SATLER, 2015, p. 109).

Como já visto nos capítulos anteriores, Frei Fabiano Satler afirma que o Vaticano II foi significativo para o Religioso Irmão, pois possibilitou que ele resgatasse sua cidadania batismal no conjunto do Povo de Deus. E, além disso, favoreceu que o Irmão construísse uma identidade nova, alicerçada em raízes consistentes e originárias (SATLER, 2015, p. 17).

Fragilidade na *Perfectae Caritatis*

Embora a *Perfectae Caritatis* tenha mencionado a Vida Religiosa laical (Religioso Irmão) em seu número 10, ressalta a vocação de uma forma utilitarista, isto é, não enfatiza qualquer outra dimensão da vida do Irmão, seja no campo teológico ou carismático, mas, unicamente que sua utilidade é a missão pastoral da Igreja (SATLER, 2015, p. 17).

Quando examinamos a questão da vida religiosa laical nos documentos do Vaticano II, a impressão que temos, desde o início, é que, ao falar desse aspecto da VR, o Concílio estava mais preocupado em dar algumas normas disciplinares para orientar sua adaptação às novas condições dos tempos atuais do que propriamente em aprofundar os problemas teológicos ligados a esse aspecto da VRC. (BRASIL, 1984, p. 528, apud SATLER, 2015, p. 120).

Além do Concílio convocar toda a VRC para um profundo discernimento sobre o que constitui o cerne de sua vocação, o Religioso Irmão continua sendo motivado a viver um caminho ainda mais profundo em relação à sua identidade e missão na Igreja. Uma vez que se mostra como uma identidade específica que não depende ou fica na sombra de outra, ele garante um maior diálogo e profetismo ao mundo ao valorizar a sua dimensão carismática, mística e espiritual através do testemunho fraterno e laical. O Religioso Irmão no pós-Vaticano II buscou preservar aquilo que o constitui desde os seus primórdios. E com abertura, pôde acolher as iluminações interpeladas pelo Concílio, frente aos novos tempos, vivendo a sua dignidade batismal.





As propostas do Vaticano II não foram bem aceitas por toda a Igreja. Por um lado, houve aqueles que ficaram entusiasmados pelo espírito Igreja “Povo de Deus”, e por outro, a resistência e saudade da realidade tridentina. Essa tensão com os conservadores fez com que o Concílio desse passos mais lentos e abordou com superficialidade alguns aspectos necessários. Dentro da VRC, nos primeiros anos pós-conciliares, não foi diferente. Houve uma grande crise de transição, gerando o abandono da vocação por parte de seus membros. Algumas Ordens e Institutos desapareceram e outros caminharam em crises. Dentre os motivos das crises: a adaptação ao novo estilo de vida, as novas propostas missionárias e aproximação do povo, retorno às fontes, a nova concepção de VRC e identidade do religioso Irmão, a aproximação entre a VRC e a Igreja, a diminuição dos Irmãos “iletrados” nos institutos (nova concepção de vida religiosa leiga), a migração do religioso Irmão para a Vida Religiosa ordenada e o crescente número de Irmãos idosos.

Vita Consecrata

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* (1996), do Papa João Paulo II, destaca alguns pontos significativos da vocação do Religioso Irmão, sobretudo seu testemunho pastoral, que ajuda as outras vocações a viverem a fraternidade:

...Os Religiosos-Irmãos lembram eficazmente aos próprios religiosos-sacerdotes a dimensão fundamental da fraternidade em Cristo, que irão viver entre eles e com todo homem e mulher, e a todos proclamam a Palavra do Senhor: “E vós sois todos irmãos”. (*Vita Consecrata*, n.60).

E acrescenta, referindo-se à missão do Irmão na Igreja e no mundo:

Esses religiosos são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a ele, “primogênito de muitos irmãos” (Rm 8,29): irmãos entre si, no amor recíproco e na cooperação ao serviço do bem da Igreja; irmãos de todos os homens, no testemunho da caridade de Cristo para com todos, especialmente os mais pequeninos, os mais necessitados; irmãos para uma maior fraternidade na Igreja (VC, n.60).

Presença significativa no mundo e os riscos

No documento *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, o Irmão José Maria Ferre (2016, p.688) destaca que o Religioso Irmão possui



um aspecto significativo e integrador em seu ser e agir. Pois, sendo um leigo consagrado, o Irmão procura superar por meio da sua própria vida uma possível dicotomia entre o sagrado e o profano, mostrando e testemunhando que a presença de Deus não se limita a tempo e espaço específicos. É no mundo que o Irmão busca a presença de Deus, realiza a sua missão e busca a sua santificação; o que pode ser chamada de espiritualidade encarnada ou apostólica. Essa espiritualidade torna os Irmãos como “monges nas cidades”, isto é, *“pessoas que não se contentam com leituras superficiais da realidade, mas que penetram com o olhar de Deus para descobrir suas pegadas e escutar a voz do Espírito”* (FERRE, 2016, p. 688).

O chamado a viver a fraternidade de Jesus é a essência da vocação do religioso-Irmão. É um chamado para todo o povo de Deus, porém o Irmão assume como objetivo próprio, vive-o e quer ser memória viva dessa fraternidade. Este é o presente recebido (FERRE, 2016, p. 687).

O Irmão José Maria Ferre (2016, p. 693) sustenta que viver a vocação de Irmão é um desafio constante e exige uma conversão contínua. Ele apresenta quatro tentações que podem abafar o testemunho e a beleza do *Ser* religioso Irmão. São eles:

- a) A tentação da secularidade. O caráter laical da vocação do religioso Irmão pode ser um risco. Estando no meio das diversas realidades seculares, há possibilidade do Irmão se considerar um a mais entre as pessoas, colocando em instabilidade a identidade e a sua ação transformadora da realidade.
- b) A tentação do clericalismo. Infelizmente a vocação do Irmão ainda hoje não é bem compreendida e o religioso ordenado ainda goza de um status-privilegiado. Pode ser que, caso o Irmão não assuma a sua identidade de Irmão, seja influenciado a buscar a vida presbiterial ou exercer funções similares na Igreja. O Irmão Josep Soterias (2012, p.403) nos recorda que não faz muito tempo em que o Irmão leigo era considerado “funcionário” dos clérigos, o que muitas vezes era justificado pelo fato de os Irmãos não possuírem títulos acadêmicos. No entanto, essa mentalidade com o tempo foi superada, houve certa tendência em “clericalizar” os Irmãos, fazendo que muitos deles se sentissem mais valorizados e reconhecidos à medida que assumiam funções clericais referentes à liturgia e administração dos sacramentos. Ao optar pelas funções eclesiais, o Irmão se distancia do seu modo evangelizador, que é estar no meio do povo.





- c) A tentação do profissionalismo. Além da formação religiosa e teológica, há muitos Irmãos que buscam outras capacitações. O Irmão Ferre (2016, p. 693) alerta que uma ênfase exagerada neste aspecto pode levar a um questionamento da identidade de consagrados. O padre João Batista Libânio (2005, p. 40) mostra que muitos religiosos buscaram o caminho da profissionalização para ocupar o vazio do reconhecimento. Começaram a se sentir realizados a partir dos inúmeros cursos e títulos. Tal tendência, no entanto, apresenta um risco. A profissão e especialização são importantes. No entanto, a vocação e o ser religioso se constituem como dimensão prioritária, pois a profissão iluminada pela vocação passa pelo caminho da gratuidade e motivação interior. A final, é a vocação que dá sentido à profissão.
- d) A tentação do individualismo. A vocação do Religioso Irmão é comunitária, pois é impossível viver a fraternidade isoladamente. No entanto, frente à realidade da pós-modernidade individualista, o Religioso Irmão corre o risco de colocar em crise o seu ser místico e profeta, alimentando projetos individuais.

Diversidade de missão entre os religiosos irmãos

Referente à missão, os Irmãos estão engajados em vários ofícios, nas pastorais no seio da Igreja, na educação das crianças, adolescentes e jovens, no cuidado com os doentes e em outros ministérios (SOLA, 2011, p.19). No entanto, há uma diversidade de vocações que possuem singularidades e especificidades. Consequência gerada pela multiforme natureza carismática, da abertura aos acontecimentos históricos, tanto da sociedade quanto da Vida Religiosa Consagrada, da multiplicidade de apostolados e do caminho percorrido pelos institutos de que se faz parte (SOLA, 2011, p. 23). Alguns exemplos (SOLA, 2011, p. 24):

Religiosos Irmãos em institutos clericais: nestes institutos a missão predominante é clerical e os Irmãos são coadjutores, apoiando a missão que o instituto desempenha. Alguns exemplos desses são os Jesuítas e Dominicanos.

Religiosos Irmãos em Ordens antigas: Elas geralmente nasceram com uma identidade laical, mas, com o passar do tempo, tornaram-se clericais. Como ocorreu com os Franciscanos.

Religiosos Irmãos de congregações laicais que possuem carisma, espiritualidade e missão laical: esses institutos não acolheram o sacerdócio e afirmam sua identidade laical, como os Irmãos Maristas e os Irmãos das Escolas Cristãs.





Institutos de Irmãos que acolheram a presença de padres para o serviço de suas comunidades e obras apostólicas: o decreto da *Perfectae Caritatis* 10 permitiu que as congregações pudessem ordenar alguns de seus membros para contribuir nas obras e comunidades de tais institutos e/ou abrir a possibilidade de alguns vocacionados optarem por ser padres. Exemplos como esse são os Irmãos do Sagrado Coração e os Irmãos de São João de Deus.

Religiosos Irmãos em “Institutos mistos”: são os institutos de Irmãos e padres que gozam de direitos e deveres idênticos e que, na maioria das vezes, podem desempenhar a maior parte das funções e responsabilidades. Exemplo destes grupos são os religiosos Marianistas e os Religiosos de Santa Cruz.

Desafios e utopias hoje

O III Simpósio do Instituto Teológico de Vida Consagrada, ocorrido em Madrid no período de 10 a 12 de dezembro de 2010, debruçou-se especificamente em aprofundar a temática: “Religiosos Irmãos hoje: dom para a Igreja e para a sociedade”. Na Declaração final, o Irmão Lluís Serra, FMS (SERRA, 2011, p.155) apresentou conclusões gerais sobre os Irmãos hoje:

Somos buscadores de Deus (Bento XVI): os Religiosos Irmãos se sentem verdadeiros buscadores de Deus. O seguimento de Jesus e o Seu Evangelho são referência neste caminho. Cada Irmão não existe para realizar o seu caminho próprio e particular, mas sim para realizar a vontade e o projeto de Deus em sua vida e no mundo.

Enviados a uma missão: participantes da missão de Deus, enviados pelo Espírito e vivendo sob o carisma fundacional, os Irmãos tornam-se presença significativa nos lugares mais “abandonados” da sociedade, em suas periferias, onde se vive a dor de tantos homens e mulheres e que se busca constantemente pelo sentido de vida. Junto deles os Irmãos compartilham a dor e o sofrimento e ajudam a transformar as estruturas de injustiça e de escravidão.

Uma parábola da fraternidade: “Todos vocês são Irmãos” (Mt 23,8). Conscientes do que realmente são, os Irmãos reconhecem-se como filhos de um só Deus e, por isso, irmãos de todos. Ninguém pode ser excluído deste amor. As comunidades e relações dos Irmãos devem



ser antecipação do Reino de Deus. Sua atuação no mundo precisa ser sem diferenças e discriminações sendo testemunho do respeito e amor à dignidade de cada ser humano.

Em uma Igreja de comunhão. Apesar de fazer parte de diversos carismas e missões, todo Religioso Irmão se faz unidade com a Igreja, compondo Corpo de Cristo e sendo Povo de Deus.

Formas Alternativas: frente a um mundo marcado pelo capitalismo, os Irmãos se comprometem com os valores do Evangelho, mostrando que há, sim, formas alternativas de viver que seduzem a sociedade, como o dinheiro, o poder-prestígio, a cultura do sexo, o consumismo etc.

Novos desafios: os novos tempos provocam os Irmãos a estarem abertos às novas realidades e dialogarem com elas. Para isso, a vocação adquire novos perfis e os Irmãos estão dispostos a se adaptarem com maior empenho aos novos desafios. Por isso, vivem a internacionalidade e a abertura a novas línguas, culturas e raças; vivem a intercongregacionalidade e o diálogo com a finalidade de somar forças para a missão.

Conclusão

O último capítulo deste estudo apontou algumas fragilidades que o Religioso Irmão continua encontrando em relação à sua identidade. Ainda hoje é urgente que a Igreja reconheça e valorize as especificidades referentes a ela e não a coloque como dependente de outra. A vocação do Irmão faz parte do Corpo Místico de Cristo e é completa em si mesma.

Alguns documentos da Igreja, mesmo trazendo luzes para a vocação do Irmão e para toda a VRC, ainda encontraram dificuldades e limitações ao defini-la. No entanto, no caminho percorrido desde a *Perfectae Caritatis*, passando pela *Vita Consecrata*, é possível identificar certos pontos de evolução e amadurecimento na interpretação da vida e missão do Irmão.

Vivendo uma presença profética na Igreja e no mundo, diante dos novos tempos, o Religioso Irmão é convidado a ser consciente de alguns riscos que podem deformar a sua presença e significativa atuação, tanto na Igreja quanto na sociedade, dentre elas, a tentação da secularidade, do profissionalismo, do clericalismo e do individualismo.

Esse capítulo buscou apontar também que a vocação do Religioso Irmão pode ser vista em realidades bem diferentes, uma vez que se



manifesta em vários formatos, devido às ordens e congregações de que fazem parte, pela inspiração do Espírito. Dentre eles, destacamos: os Religiosos Irmãos em Institutos clericais, Religiosos Irmãos em Ordens antigas, Religiosos Irmãos de congregações laicais, congregações mistas e os Institutos de Irmãos que acolheram a presença de padres ou vice-versa.

Ao apontar os desafios e ressaltar a diversidade de caminhos que caracterizam o ser Irmão, conclui-se que há luzes comuns para todos aqueles que, na Igreja, assumiram essa vocação específica. Tais luzes, que apontam para verdadeiro seguimento de Jesus Cristo, podem ser assim sintetizadas: os Irmãos devem ser constantes buscadores de Deus; a parábola da fraternidade ensina que o Irmão deve ser irmão de todos, sem exclusões ou discriminações; na diversidade da Igreja, os Irmãos fazem parte de um só Corpo Eclesial, o Povo de Deus; a vida do Irmão é uma nova alternativa evangélica frente aos vícios e males do mundo, e os Irmãos são chamados a responderem com coragem e audácia os novos desafios de internacionalidade e intercongregacionalidade.

Bibliografia

CONCÍLIO VATICANO II. DECRETO PERFECTAE CARITATIS: Compêndio do vaticano II. 20 ed. Petrópolis: vizes, 1989.

FERRE, José Maria. FMS. O religioso-irmão: uma maneira de viver a fraternidade de Jesus. *Convergência*, Brasília: DF, v. 51, n. 495, p. 683-696, out. 2016.

JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal: *Vita Consecrata*. São Paulo: Paulinas, 1996.

LIBANIO, João Batista, SJ. Identidade do ser religioso. *Convergência*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 379, p. 36-52, jan/Fev 2005.

SATLER, Fabiano Aguiar, OFM. Todos vós sois irmãos: Jesus, nosso Irmãos, e os Religiosos Irmãos na Vida Religiosa Consagrada. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2015.

SERRA, Lluís, FMS. Declaración final: narrar la fraternidade en nuestro tiempo. III simpósio ITVR: religiosos hermanos hoy – don para la iglesia y la sociedad, Publicaciones claretianas: Espanha, p. 155-160, 2011.

SOTERAS, José Maria. FMS. A vocação do irmão, referência viva de fraternidade. *Convergência*, Brasília, v. 47, n. 452, p. 385-409, jun. 2012.

SOLA, Eusébio Hernandez. OAR. La reflexión de la civcsva sobre los religiosos hermanos. III simpósio ITVR: religiosos hermanos hoy – don para la iglesia y la sociedad, Publicaciones claretianas: espanha, p. 17-37, 2011.



JUVENTUDES E NOVAS LINGUAGENS NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

IRMÃ ROSA MARIA MARTINS SILVA¹

Concepção de juventudes

O título proposto para este artigo nos permite trazer à discussão o conceito de juventudes. Parece-me muito assertivo tratar da categoria como juventudes, pois, ao fazermos, mais adiante, a relação entre juventudes e as novas formas de linguagem, veremos que fará muito sentido trazer essa reflexão à tona.

Propor um “rever”, um “repensar”, este conceito é de fundamental importância, uma vez que a nossa concepção sobre qualquer categoria de pessoas ou coisas influencia diretamente em nossa práxis.

Alguns pensadores estão de acordo que a maneira de conceituar a juventude está intrinsecamente ligada ao gênero, ao contexto e à condição social e cultural de cada indivíduo na sua particularidade. Não há, segundo Pais (2001), “um conceito único de juventude que possa abranger os

¹ Missionária Scalabriniana, bacharel em Teologia pelo Instituto São Boaventura de Brasília - DF/Roma. Licenciada em Filosofia pela Universidade Salesiana de Lorena/SP. Licenciada em Jornalismo pelo Centro Universitário UniCEUB de Brasília. Mestre em Jornalismo, Imagem e Entretenimento pela Fundação Cásper Libero de São Paulo/SP. Atua nos centros de pesquisa da Fundação Cásper Libero sobre Comunicação, Cultura e Sociedade do Espetáculo; Estudos de Imagem (Comunicação, Cultura e Visualidades) e Comunicação e Política na Sociedade do Espetáculo. Pesquisadora da área de Comunicação, Migração e Infância.





diversos campos semânticos que lhe aparecem associados. O que existe, na verdade, são formas diversas de compreender essa juventude, que correspondem a diferentes teorias e, grifo nosso, a variadas formas de lidar com elas. Portanto, não se fala em jovem ou juventude, mais sim em jovens e juventudes. A juventude se mantém como categoria sociológica inventada pelos adultos, entretanto os seus sentidos se tornam cada vez mais difíceis de totalizar. Quando muito, podemos elaborar provisórios mapas relacionais. [...] O cotidiano dos jovens pode ser mais caracterizado, entretanto, por inúmeras redes de interesses cotidianos com os grupos e redes de relações elaborando seus próprios estilos e pontos de vista. (CARRANO 2003). Se fazemos uma panorâmica social poderemos enxergar as mais diversas categorias de juventudes: aquela das periferias, da elite, da direita, da esquerda, ribeirinha, da drogadição, do crime, do migrante e, no âmbito religioso, encontramos a juventude evangélica, a católica e, mesmo dentro dessas categorias, há ramificações que as diferenciam umas das outras com identidades apropriadas.

Nesse sentido, Groppo (2000, p.8), assinala que “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a eles atribuídos”. Pais (2003, p.42) ressalta que “a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações”. Por isso, a importância de uma conceituação mais heterogênea, plural, considerando a unidade na diversidade, o que levará consequentemente a um ideal de juventude que se dilata com transformações no tempo e no espaço, mas o modo de vivenciar e entender a juventude é diverso.

Novas linguagens, novo *modus vivendi*

As grandes transformações sociais da contemporaneidade têm avançado desde os meandros da cultura, da economia, da política até a organização social como um todo, no âmbito das relações, da forma de ser, do comportamento, estimulando também variações físicas e ambientais.

Neste contexto, as crianças e especificamente os jovens são os públicos mais envolvidos no processo por estarem em fase de desenvolvimento cognoscitivo.





Desta maneira, o *modus vivendi* moderno é medido e mediado pela rede mundial de computadores, a *World Wide Word* (www.), sistema de leitura não linear composto por imagens, sons, texto e vídeo, que se interligam de forma eletrônica por meio da internet. A www é uma espécie de teia ou rede que coloca o planeta como um todo em conexão, de maneira que a comunicação se torna global, rápida e fácil, transpondo as fronteiras de tempo e espaço. Ela é considerada o ponto chave desta nova era.

Ora, estas mudanças têm modificado de maneira amplificada e substancial a linguagem, os saberes, os códigos comunicacionais, interferindo nas maneiras de conceber o mundo, a natureza, o ser humano, o tempo, o espaço, as fronteiras, os territórios. Castells (1999, p.50) afirma que, diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação. A tecnologia da informação é, para este revolucionamento, o que as novas fontes de energia foram para as revoluções industriais sucessivas (...).

Todo processo de evolução do ser humano sempre foi marcado pelas mudanças na forma de comunicar. Se retomamos a história da humanidade, recordaremos que as representações gráficas pictóricas eram comuns no dia a dia das tribos, cuja finalidade era a apreensão da imagem real. Ou seja, criatividade e inovação na comunicação humana sempre existiu e, com elas, provavelmente, – como somos seres que surpreendem e são surpreendentes, – o susto e o medo da novidade sempre existiram até aprender a lidar, não podendo exterminá-la e percebendo seus benefícios no processo evolutivo da história.

Uma das mídias mais antigas que favoreceu o funcionamento da sociedade foi o discurso, porém, este não atingia a todos, pois se restringia a um pequeno grupo. Em seguida, a escrita estendeu a comunicação por um longo tempo devido aos seus registros permanentes.

Alguns pensadores sugerem que uma das primeiras línguas foi a das escrituras clássicas das religiões, surgidas no Nepal e na Índia, (sânscrito) por volta de 2000 e 1500 a.C. Também os povos indígenas mais primitivos, para se comunicarem, usavam códigos sonoros e visuais por meio do tambor e do fogo. O primeiro telégrafo, com hastes móveis, surgiu em 1794 e, mais tarde, no século XIX, passou a funcionar à base de energia, criação de Samuel Morse, e sofreu ainda outra evolução, com Heinrich Hertz (1877), por meio de ondas eletromagnéticas, o que possibilitou a comunicação a distância.



Graças à prensa, os livros puderam multiplicar seu impacto, e por mérito do telégrafo, as mensagens tornaram-se instantâneas e a longa distância. Com a televisão e o rádio, o receptor passou a ver e ouvir de muito longe, embora fossem mídias um tanto efêmeras por acontecerem em tempo real.

Segundo Parry, “com a digitalização, no entanto, todos os conteúdos passaram a estar ao alcance de todos, em todos os lugares, para sempre. A comunicação agora atravessa o tempo e as fronteiras, com custos e distribuição próximos a zero” (PARRY, 2011, p. 7).

Desta forma, podemos conceber a linguagem como um instrumento para trocas interpessoais que dá ao indivíduo habilidade para desempenhar suas tarefas com o intermédio de “gestos, mímicas e/ou palavras escritas, faladas ou sinalizadas” (OLIARI, 2005). Jakobson (2003) defende a ideia de que, uma vez que a linguagem e a cultura estão intrinsecamente interligadas, a linguagem deve ser considerada parte integrante da vida social. Neste viés, podemos considerar a linguagem como qualquer forma sistemática/simbólica de comunicar, seja por meio de gestos, fala escrita, sonora ou gráfica.

Sales (2011) coloca como as novas tecnologias, com enfoque para a juventude, têm influenciado nossas práticas sociais, nossas vidas e o cotidiano, ressaltando que “falar de juventude e das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) implica percorrer um território sempre em fluxo. A linguagem, por exemplo, é ressignificada pelos grupos juvenis e pela internet, o que pode ser percebido nos símbolos e palavras que ganham novos sentidos. (p. 02).

As juventudes nos cenários das novas formas de linguagem

Se partirmos da realidade, poderemos nos perguntar: mas que formas novas de linguagens são estas, como se tornam perceptíveis e quais os impactos delas na vida real dos jovens e de toda a comunidade humana? O que mudou?

O desenvolvimento da rede mundial de computadores é uma aventura fantástica na história da comunicação humana, que altera o *modus vivendi* no Planeta de maneira irreversível. Fato é que, com a *www*, a comunicação humana passou a ser processada por meio de uma plataforma digital, o **Binary Digit (bit)**, a menor unidade de medida de





transmissão de dados, ou seja, a linguagem por excelência da computação e da informática. Quem deseja se conectar a partir desta nova forma de linguagem necessariamente estará condicionado pelos *bits*.

Em se tratando de novas tecnologias de informação, são eles que atrasam ou agilizam nossas tarefas diárias no ‘*personal computer*’ (computador pessoal = PC), que dinamizam e articulam a nossa vida cotidiana, impreterivelmente. Os ‘*bits*’ ou ‘*bytes*’ influenciam diretamente na velocidade da internet e dispositivos que utilizamos. É que a velocidade de transferência é medida pela quantidade de *bits* por segundo (Mbps) enviada de um ponto a outro. Quando recebe as informações, o computador rapidamente agrupa os *bits* e interpreta os respectivos *bits*, compondo a informação completa.

Essas informações são estocadas no computador e ocupam espaço à medida do seu tamanho. Ao baixar, por exemplo, um arquivo de texto da Internet, você está armazenando no seu computador todos os *bittes* que compõem aquele texto. Quanto maior for o texto, mais *bits* o arquivo possui. E quanto maior for o arquivo, mais tempo ele precisa para ser transferido. Um áudio, de 3MB corresponde, por exemplo, a 3.145.728 *bits*.

O que queremos dizer com isso? Que a nossa linguagem, hoje, está subordinada à linguagem do computador, que se faz tecnicamente em *bits*, essa carga elétrica que se dá num dispositivo de memória. Esta linguagem nos insere num universo infinito de possibilidades diversas de outra linguagem para expressarmos o que somos, relacionarmo-nos, atuarmos, socializarmo-nos e, por que não dizer, chegarmos até à sensação de que viver sem esse meio é como literalmente viver sem um órgão corporal. Uma jovem religiosa disse numa conversa informal: “eu não empresto meu computador e celular. Eles são para mim como uma extensão do meu corpo. A tal ponto chegou a nossa dependência. Dependência que, sem nenhum espírito moralista, concretamente tende a dirigir os rumos da nossa existência.

Para o filósofo Pierre Lévy (1996), a revolução contemporânea é apenas uma das dimensões de uma transformação antropológica ampla. Lévy afirma que ainda estamos na “infância da cibercultura”, e que as principais transformações sociais provocadas pela tecnologia ainda estão por vir. A cibercultura é um movimento que oferece novas formas de comunicação. Como tal, reflete a “universalidade sem totalidade”, algo novo se comparado aos tempos da oralidade primária e da escrita. É universal porque promove a interconexão generalizada, mas comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade.



Mas o que isso significa na vida concreta dos jovens? Significa facilidade, rapidez, comodidade, amplitude no modo de viver na atualidade. Relações globais, linguagem compactada, abreviada, transposição de fronteiras, em todos os âmbitos sociais. Faço minhas as palavras de Castells (2006) ao afirmar que estamos vivendo a *Era da Informação* na qual a *internet* se tornou o meio de comunicação e de relação indispensável, em que se estrutura uma nova forma de sociedade na qual já estamos inseridos e conectados de forma global. É uma nova territorialidade que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço geográfico.

As novas linguagens que se dão por meio da *www*, fundamentadas nos *bits*, favorecem a efemeridade, a superficialidade advinda da fluidez, da velocidade com as quais as experiências são feitas nesse novo mundo “interconectado”. A agilidade das informações não permite aprofundamento das relações e desvinculam o humano das relações tu a tu e a linguagem. Conforme Crystal (2005), passa por uma nova revolução: o *netspeak*, que se dá por meio de símbolos, que está para além de um agregado de características faladas e escritas.

São *emotions*, *emojis*, abreviaturas, como por exemplo: Feliz :-), Dengoso ;^), Tampinha, feliz :) Uma garotinha 8:-) Piscando o olho ,-) Mulherão :-), 8< Exultante (:-) Tagarela :-), 0 Muito triste (:-), (Mente como Pinóquio :----} Triste, chorando ;-(Deslumbrado #-) Chorando :-(Fumante :-), Q Irônico, piscando o olho ,-) Usando walkman [:-) Um beijo procê! :-), * Cochichando :-), Um beijão babado procê! :-), X Pirata P-(Cético :-), / Abraços []s Sarcástico :-), > Um novo pequeno amigo :) Berrando :-), V O papa +O<:-). De acordo com (DEMOLY, 2005, p. 163), “Todas essas formas de linguagem potencializam o linguajar e constituem ponto central na construção de um modo de convivência”. Podemos dizer que a nova linguagem em *bits* desenvolveu um novo território de relações, uma nova ambiência, um lugar virtual onde o ser humano moderno prefere viver ou às vezes é forçado a viver.

A modo de conclusão

Parece-me pertinente aqui, ao darmos um tom de acabamento à nossa reflexão – embora seja um tema que a meu ver não deve se esgotar nessas poucas páginas, analisar criteriosamente o aparecimento e as origens dessas novas formas de linguagem que dão novos acordes no palco da vida, fazendo-nos dançar conforme o seu modo. Essas novas linguagens





não caíam e nem caem do céu do dia para a noite, como um cometa ou um raio. Elas aparecem dentro de um contexto a partir de indivíduos que as pensam em vista de respostas às necessidades e interesses humanos.

Melo (2007) apresenta algumas variáveis sociológicas que podem justificar o aparecimento das mídias e seu poder de impacto sobre as ações e o modo de ser humano na contemporaneidade. De acordo com o pensador, a sociedade dos homens vive num mundo de incertezas e falta de garantias. As causas destas seriam a indisponibilidade de trabalho ou o desemprego, que trazem como consequências a depressão entre os jovens, a insegurança causada pela violência e o consumismo. Economistas têm calculado que, se a tendência atual persistir, 20% da força de trabalho global bastará para manter a economia funcionando, o que tornará economicamente supérfluos 80% da população mundial capacitada. O problema do desemprego não é só econômico, é também de autoestima e um projeto de vida em longo prazo. (MELO, 2007, p. 28)

Ora, o que tem sido propagado pela sociedade até os dias de hoje é que o trabalho, o emprego é quem determina quem é o indivíduo, dá-lhe ascensão social e segurança, é caminho para a ordem social. Outrossim, o desemprego passa a ser um inimigo do sujeito, levando-o a uma desestruturação na personalidade, uma vez que lhe sugere que não poderá alcançar os mesmos benefícios de uma pessoa empregada. O desemprego é, segundo Melo, considerado uma das causas do aumento da depressão que afeta cada vez mais jovens e aumenta a cada ano. Em 12 anos dobrou o número de jovens que sofrem depressão. [...]. Há também um sentimento generalizado de ser ou de poder vir a ser uma pessoa dispensável, desnecessária, refugada pelos padrões de utilidade. (Melo 2007).

A insegurança é outro problema gerado pela violência. Nenhum indivíduo tem garantias de que o governo possa assegurar a segurança pública e proteger os cidadãos das agressividades do cotidiano. A saída é buscada pelo próprio sujeito que, na defensiva, acaba buscando o isolamento. Isolar-se, trancar-se, esconder-se são hoje as reações mais comuns ao medo das coisas que se passam do “lado de fora” e que nos ameaçam, como uma série de máscaras. Trincos, ferrolhos, diversos sistemas de segurança, alarmes e câmeras de vigilância disseminaram-se nas casas de campo das classes abastadas para as áreas de classe média (MELO, 2007).

Essa realidade gerou uma síndrome do consumismo moderno que limitou o tempo do desejo sobre o objeto e o período de utilidade,



quer dizer, não se pode hoje demorar a desejar o objeto que é oferecido na gôndola, pois amanhã outro objeto mais potente estará substituindo aquele e, conseqüentemente, o que se consumiu ontem já está descartado hoje. A distância entre o desejo e a gratificação é extremamente curta. “A síndrome do consumismo tem tudo a ver com o excesso de velocidade, lixo e descarte das coisas e dos sentimentos.

De acordo com Castro (2012, p. 111), o modelo capitalista, neoliberal deu à luz a cultura do dinheiro, numa sociedade na qual o indivíduo se reconhece como tal se o tem. Nesta sociedade do dinheiro, a sua base é a publicidade que estimula o consumo. O problema está, desta forma, no fato de que, nesse mundo do consumo, a vida do ser humano é entendida como um grande negócio, em que tudo o que circunda a realidade da vida humana é negociável. “O importante é vender ‘bem’ seja lá o que for, inclusive a imagem pessoal, no sentido de obter vantagens. A mídia não só enquanto produto, mas enquanto veículo de divulgação, assume o papel importantíssimo nesse contexto, sem a qual o consumo, certamente, não teria tanto incremento”. (CASTRO, 2012, p. 113).

O autor lembra que, durante o século XX, todos os meios de comunicação, sejam os mecânicos (ou seja, produzidos manualmente pelo homem, como a imprensa escrita, com a linotipia, *paste up* e fotolito) e, posteriormente, os eletrônicos (digitais) foram se aperfeiçoando, avançando simultaneamente com a indústria e demais segmentos do sistema capitalista. “Essa etapa econômica, caracterizada não só pela revolução técnico-científica, mas também pela globalização da economia e pela crença na eficiência do mercado, além de estabelecer inúmeros vínculos e ligações sociais, fortaleceu a ordem do mercado”. (CASTRO, 2007, p. 113)

As novas formas de linguagens neste contexto têm o papel de consolidar esse aparato neoliberal capitalista e confirmar o ideal de realização, proposto por este sistema e, ao mesmo tempo, servem como uma espécie de anestésico que alivia e amortece a sensibilidade em relação aos problemas que se deve enfrentar no dia a dia e que parecem, outrossim, serem os causadores da infelicidade, da insatisfação e da não-realização. Elas se tornam, assim, geradoras de sentido, porque são a janela que se abre para outras possibilidades para além do real.

O papel da mídia e das novas tecnologias de informação nesta sociedade contemporânea é de produzir bens materiais e simbólicos, que são manifestos por meio da linguagem do entretenimento, do espetáculo.



Assim, a TV, os jornais, as revistas, os filmes, não são outra coisa senão produção industrial de empresas que procuram o lucro e oferecem suas mercadorias baseadas na linguagem do entretenimento. Seus produtos são, desta forma, oferecidos de maneira interessante e prazerosa.

Partindo do pensamento do francês, Guy Debord chama o contexto dessa realidade de “*júbilo carnavalesco*”, que se enaltece na mídia, contagia a educação, a política, a religião, as artes e a economia, e leva a profundas transformações de comportamento social e individual. E exemplifica como essa espécie de alegria carnavalesca se dá no cotidiano: “celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus, mensagens publicitárias, tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. Os shoppings centers, bares, boates, desfiles de moda, festivais, spas, jogos eletrônicos, parques de diversão, hotéis-fazenda, todas as atividades ligadas ao lazer transformaram-se em produtos de consumo e engrenagens do espetáculo. A simples assimilação das imagens já faz da pessoa um consumidor em potencial e um espectador, em ato, do espetáculo. (CASTRO, 2012, p.115).

Neste sentido, o autor relata que se faz necessário entender o que significa o espetáculo na sua raiz mais profunda, pois não se trata de aparência, simplesmente. O espetáculo é substancialmente ideológico, por manifestar a essência de qualquer sistema: o empobrecimento, a sujeição e a negação da realidade, consequências do sistema capitalista. Esse espetáculo em forma de entretenimento divulgado e louvado pela mídia é a outra face do capital. Debord (apud CASTRO, 2012, p. 115) já havia constatado ainda em 1960 que a raiz do espetáculo está no terreno da economia que se tornou abundante e ele domina os homens quando a economia já os dominou totalmente.

Essa realidade espetacularizada, ao trabalhar com o imaginário dos jovens, os leva a criar representações sobre si mesmos. Para Jameson, “essa força suprema sobre o indivíduo se chama consumismo, ponto central do sistema econômico. Esse consumo se tornou o modo de vida para o qual o indivíduo é a cada instante treinado pela indústria do entretenimento, pelo espetáculo, com uma intensidade de imagens e de mídias sem precedentes na história. (JAMESON, 2001, p. 56).

No pensamento de Debord (2000, p. 13), nessa onda das aparências, o ser humano moderno chega à capacidade de preferir o virtual ao real. São tantas as situações presenciadas no cotidiano em que as pessoas, reunidas em grupo, estão distanciadas pelos seus aparelhos



e não conseguem dialogar com quem está ao lado ou preferem a relação virtual ao contato face a face. No turbilhão das aparências, o ser humano chega ao ponto de preferir a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser.

A reflexão desses autores sobre os fundamentos que sustentam as ações do homem na sociedade atual ajuda a entender em que chão as juventudes tentam manter vivos e atualizados os seus princípios, em que areópago (parafraseando o apóstolo Paulo) ela discute e divulga seus valores, seus sonhos. E as suas relações com esse mundo da mídia – base do sistema capitalista, segundo os estudiosos – não é uma relação tranquila.

No mundo dos fluxos contínuos, fala-se mais apropriadamente em redes do que em laços ou vínculos. Afinal, em uma rede é mais fácil ligar-se e desligar-se do que numa relação de laços e compromissos”. (MELO, 2007).

Fato é que estamos vivendo num período em que a experiência é desvinculada do tempo, o que Jameson denomina, em seu livro *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*, atemporalização. Passa-se o tempo, e a experiência reduz no aqui e agora, onde passado e memória já não significam mais. Pais (2003) garante que as novas formas de linguagens uniram as juventudes, que nos idos anos 60 haviam se dispersado; por outro lado, eu diria que as novas linguagens também moldam novas juventudes: aquelas do agora, da imagem, da agilidade, do entretenimento, para as quais a memória e a tradição já não significam mais, modificando, para o futuro, o físico, a mente, os valores, os padrões de comportamento. Nessa era das novas tecnologias, tudo é ressignificado, e as instituições que conservam valores duradouros, baseados em dogmas, são altamente desafiadas a transformar-se sem perder a identidade, se desejam sobreviver, uma vez que o seu futuro, necessariamente, depende dessas juventudes.

Questões:

1. Quais as implicações práticas das novas configurações de juventudes e das novas linguagens para a Vida Religiosa Consagrada em tempos modernos?
2. Em tempos novos, quais as técnicas que a Igreja e Vida Religiosa Consagrada podem criar para que o Evangelho alcance as juventudes de maneira eficaz?
3. Como aproveitar estas novas linguagens para produção de conhecimento entre as juventudes?





Referências

- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (Org.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Orgs.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. **Jornal**. Mídia, imagem e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRIS, 2000.
- JAMESON, F. **A Cultura do Dinheiro**. Ensaio Sobre a Globalização. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PAIS, J. M. (2003). Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- _____. Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas. 2006. Porto: AMBAR
- SALES, C. de M. V. (2011). Juventudes, novas experimentações, conexões e interatividade. Texto apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba/ PR.



NOVAS RELAÇÕES QUE NUTREM E PROTEGEM A VIDA

IRMÃ BIRGIT WEILER, HMM¹

Introdução

Na crise ecológica e na mudança climática com todos os impactos prejudiciais, manifesta-se a grave situação de nosso mundo ferido e a insustentabilidade do nosso atual modo de viver, produzir e consumir,² pois está levando os ecossistemas do nosso Planeta à beira do colapso. Por isso muitos falam de uma crise de civilização que requer uma mudança radical de paradigma. A ecologia integral, o eixo central na encíclica *Laudato Si'*, nos oferece muitas luzes para perceber que as mudanças necessárias exigem uma nova maneira de nos relacionar com a Terra, com a biodiversidade e ecossistemas complexos e com nosso corpo, que nos recorda nosso vínculo com a Terra.

Também necessitamos de novas relações entre nós, como cidadãos e cidadãs com os mesmos direitos, em harmonia, juntos e juntas, em condições de igualdade, uma sociedade com uma grande diversidade

- 1 Irmã Missionária, médica e teóloga. Nasceu em 1958, em Duisburg, Alemanha. Desde 1988 vive no Paru. Professora da Universidade Jesuíta Antônio Ruiz de Montoya (Lima) e na função de Direção de investigação e Incidência. Colabora estreitamente com o Vicariato Apostólico de Jaén sobretudo na pastoral com os povos Awajún e Wampis (Amazônia do Peru). É assessora do Departamento de Justiça e Solidariedade (CELAM) e membro da Comissão de Justiça e Paz e Integridade da Criação (CLAR).
- 2 Retomamos neste artigo parte das reflexões sobre a encíclica *Laudato Si'* publicadas na revista Intercambio em 2015.





de culturas e projetos de vida. Ambos, a ecologia profunda e o eco-feminismo, têm contribuído com conhecimentos muito relevantes a respeito. Ajudam-nos a tomar maior consciência de que na Terra tudo está relacionado (Cf. LS 92) e nos impulsionam a superar uma maneira dualista de perceber e interpretar a realidade, à medida que fica claro, por exemplo, no dualismo entre matéria e espírito, corpo e alma, homem e mulher, natureza e cultura, etc.

É completamente inadequado e, por suas múltiplas consequências negativas, perigoso, conceber a Terra como uma grande despesa ou uma fonte inesgotável de recursos naturais renováveis, à sua livre disposição dos seres humanos para explorá-los. Ademais, os exploram não somente para satisfazer necessidades, mas também seus desejos de lucro e consumo desenfreado de tantos produtos supérfluos. A visão da ecologia integral nos motiva a abrir-nos com todo o nosso ser (nossos sentidos, nossa racionalidade e afetividade) a tomar consciência de que a Terra é um grande organismo vivo que merece nossa admiração profunda, nossa gratidão e compromisso firme de querer cuidar dele, pois tem uma história longa de processos evolutivos, nos quais se gerou esta rede complexa e pluriforme de relações, que fazem possível e sustentam uma grande biodiversidade em nosso Planeta.

A criação, um projeto do amor de Deus

Na tradição judaico-cristã, a Terra, e todo o cosmos, do qual a Terra forma somente uma pequena parte, é criação de Deus. Esta “tem a ver com um projeto do amor de Deus onde cada criatura tem um valor e um significado (LS 76). Deus se comunica conosco em sua criação, cheia de sinais de seu grande amor solícito, sua ternura e insondável sabedoria. Esta percepção crente do mundo transforma nossas relações com outras criaturas. Levam-nos a olhá-las com outros olhos; elas não existem unicamente em função do ser humano e suas necessidades. Não devemos considerá-las “como meros objetos submetidos à arbitrária dominação humana” (LS 82).

Urge-nos superar uma compreensão muito instrumental dos outros seres vivos, que se fixa sobretudo e até exclusivamente em possível utilidade deles para os seres humanos e em seu valor como mercadoria. Pois os outros seres vivos têm seu valor próprio. Reconhecer isso implica atuar com muito respeito, grande responsabilidade e cautela, tendo muito presente que as relações vitais na Terra se baseiam na interdependência e interconexão e requerem uma visão sistêmica.



Em consequência, uma intervenção desproporcionada e violenta neste complexo tecido de vida pode ter múltiplos efeitos desastrosos a médio e longo prazo, como se nos manifesta na alarmente extinção de milhares de espécies vegetais e animais (cf LS 33).

A partir de nossa fé, não podemos ser indiferentes ao respeito; cabe-nos contribuir com nossas ações cotidianas a gerar uma cultura de cuidado da vida em suas diferentes expressões, conscientes de que cada espécie cumpre uma tarefa no conjunto dos ecossistemas, para seu bem funcionamento (cf. LS 34), gerando e mantendo a vida na Terra. Isso vale inclusive para as espécies que nos parecem menos significantes, como são “os fungos, as algas, os vermes, os insetos, os répteis e a inumerável variedade de microorganismos” (LS 34).

Cuidar da criação

O fim e o conceito teológico da “ciração” nos recorda que estamos chamados/as a nos reconhecer e nos situar na relação com Deus, como criaturas que receberam sua vida como dom gratuito do Criador³ e a viver em uma “relação de reciprocidade responsável” (LS 67) e de “comunhão universal” (LS 76) com as outras criaturas, pois não somos donos da Terra; em vez disso, como ressalta o Salmo 24, 2, de Deus “é a Terra e tudo quanto a habita”. Deus nos tem confiado esta Terra para que dela cuidemos com responsabilidade, sabedoria e critério ético (ética ecológica), contribuindo para que a natureza possa continuar evoluindo e desenvolvendo seu potencial. Somos chamados/as a ser bons administradores e guardiões da Terra, de nossa Casa Comum e de tudo o que a habita.

Como o papa Francisco o reconhece na *Laudato Si'* (cf. LS 68), o mandato bíblico de “dominar” a terra, muitas vezes foi mal interpretado, em uma leitura muito distorcida e instrumentalizada para justificar uma depredação desenfreada da Terra. Uma compreensão adequada e respeitosa do sentido original do dito texto tem que se conectar com a afirmação central em Gênesis 1, 26 e 27, que “Deus criou o ser humano à sua imagem/homem e mulher os criou”. Pois o ser humano tem a vocação e missão de ser imagem de Deus e de viver como tal, tendo presente que Deus ama tudo o que criou (cf Sab 11, 24). Por isso, o ser humano tem a responsabilidade de usar sua capacidade reflexiva e criativa para atuar com inteligência, previsão e precaução ao intervir nos ecossistemas complexos

3 Vale reforçar que Deus não é um Deus patriarcal; Transcende todas as categorias de gênero. Em Gn 1, 28, homem e mulher têm a dignidade de ser criador à imagem de Deus e viver como tal (vocação e missão).



e, por esta mesma razão, frágeis. Para uma correta interpretação do texto, é preciso ler Gênesis 1, 28 junto com Gênesis 2, 7.15, que nos recorda que somos terra, chamados/as a “cultivar e proteger” a Terra em seu conjunto. Por isso, como o reforça o papa Francisco, a Bíblia corretamente entendida “não dá lugar a um antropocentrismo despótico que se desconecta das demais criaturas” (LS 68).

“Tudo está relacionado” (LS 92)

As relações de interdependência na Terra nos exigem uma visão integral dos problemas ecológicos e sociais, pois “o ambiente humano e o ambiente natural se degradam juntos, e não poderemos afrontar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (LS 48).

Os mais afetados por esta dupla degradação são “os mais fracos do Planeta” (LS 48), quer dizer, as pessoas empobrecidas que não contam com os recursos necessários para fazer valer seus direitos, proteger-se eficazmente dos impactos negativos da mudança climática, assim como dos múltiplos danos ecológicos e suas graves conseqüências em sua saúde.

Sua vida está posta em risco, veem-se ameaçados em sua existência e segurança alimentar. Fazer frente junto a estes riscos é uma exigência de nossa solidariedade e opção preferencial pelos pobres. O fato de que “tudo está relacionado” nos impulsiona a nos perguntar pela raiz da grave crise ecológica que está nos afetando cada vez mais em níveis alarmantes. Em *Laudato Si'*, identifica-se como raiz principal a dita crise do paradigma tecnocrático dominante, pelo poder despótico que o ser humano muitas vezes exerce sobre a natureza, um poder que lhe dá uma tecnologia muito avançada (cf LS 101, 106– 109). A questão central está no uso adequado do poder.

De nenhuma maneira se trata de uma atitude hostil frente à tecnologia; melhor é reconhecer que ela tem “remediado inumeráveis males que prejudicavam e limitavam o ser humano” (LS 102) e é imprescindível para gerar um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Aprecia-se uma “tecnologia bem orientada” (LS 103) e desenvolvida com critérios éticos, tendo presente que nunca antes em toda a história da humanidade o ser humano teve tanto poder como hoje graças à tecnologia altamente desenvolvida. O manejo adequado deste poder é uma responsabilidade e um desafio grande para tecer relações que promovam e defendam a vida.



A ecologia integral está estreitamente vinculada com “a noção do bem comum” (LS 156)⁴. Para construir e fortalecer relações a serviço da vida é imprescindível que nos empenhemos em gerar uma cultura caracterizada pela busca do bem comum. Isso implica esforços contínuos por conseguir uma vida digna para todos/as e não somente para poucos. Diferenças sociais tão grandes como as que temos nas sociedades latinoamericanas põem em perigo a paz social e afetam o ser humano, tanto nas pessoas que gozam de alta renda e um estilo de vida correspondente, sem que isso os mova a uma maior solidariedade e justiça, como também nas pessoas que vivem em condições degradantes de pobreza.

No atual contexto mundial, urge gerar através de nossos diferentes apostolados uma maior consciência de que “a terra é essencialmente uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos/as (LS 93) e promover uma prática coerente ao respeito. Significa nos perguntar pelo impacto do nosso estilo de vida, na vida de outras pessoas e de outros seres vivos. Também aprender a viver com responsabilidade em relações de interdependência em nível micro e macro, começando por nossas comunidades. Isso requer por sua vez uma mudança radical da maneira de entender e praticar a economia. Impulsos valiosos para esta mudança vêm da economia solidária e da “economia do bem comum”.

Ambas surgem da consciência de que o atual modelo capitalista neoliberal não é sustentável a partir do ponto de vista social, ecológico e moral. Sua crítica se refere sobretudo ao fato de que no capitalismo a meta principal é o aumento de capital, da produção e produtividade, ainda que isso implique enormes desigualdades na renda: por exemplo, mais de 700 milhões de pessoas no mundo vivem em condições desumanas e sofrem de fome crônica;⁵ milhões de pessoas se veem obrigadas a migrar por razões econômicas e ecológicas; aumentam muito os fatores que prejudicam os ecossistemas e aceleram a mudança climática.

Os elementos imprescindíveis para relações que fomentem uma convivência boa e democrática nas sociedades, como o respeito dos direitos humanos, a justiça e a sustentabilidade em suas diferentes dimensões, não são por si metas importantes para este sistema econômico. Pelo contrário, não poucas vezes são considerados como obstáculos para conseguir maior produção e ganância. O mais criticável

4 É um princípio fundamental da Doutrina Social da Igreja.

5 Segundo o informe da FAO de maio de 2015, no ano de 2014 em nível mundial 795 milhões de pessoas padeciam de fome.



no capitalismo é o fato de que em geral não percebe o capital como meio a serviço do bem comum. Porém, segundo a doutrina social da Igreja, precisamente nisso consiste a finalidade da atividade econômica.

Nos diferentes países da América Latina, surgiram iniciativas de economia solidária, assim como da economia do bem comum, que promovem a cooperação em vez da competência, fomentam uma agricultura orgânica, um comércio justo, a compra de produtos gerados nas regiões correspondentes (reduzir o impacto ecológico) e uma alimentação mais saudável. A visão do bem comum exige discernir a fundo o que entendemos sobre “desenvolvimento” e “progresso” e superar uma definição muito questionável baseada principalmente nos parâmetros econômicos, pois esta compreensão deficiente nos tem levado à grave crise ecológica e social que estamos padecendo na atualidade. A partir da fé cristã, um verdadeiro desenvolvimento implica uma visão integral.

A respeito disso, os povos indígenas nos oferecem, com sua concepção do Bem Viver, uma visão integral da vida. A preocupação pelo bem comum nos sensibiliza o fato de que a mudança climática põe em risco bens vitais como são o ar, o solo e a água. Estes são bens comuns. Por isso, cuidar do clima é uma exigência de responsabilidade e justiça para nós. Pois “o clima é um bem comum de todos e para todos” (LS 23). Nossa fé nos impulsiona a empenharmo-nos em que a Terra continue sendo um espaço de vida e um lugar habitável para as gerações presentes e futuras.

Um estilo de vida profético e contemplativo

Nossa fé em Deus nos move a um estilo de vida profético e contemplativo neste momento crítico para toda a vida na Terra, nossa Casa Comum. É parte imprescindível da “conversão ecológica que é uma revolução cultural” (LS 114). Compromete-nos a participar ativamente em construir uma “cidadania ecológica” (LS 211), necessária para a transformação radical da cultura predominante, e a fortalecer, com nossas ações e meios financeiros, iniciativas de uma economia baseada na preocupação pelo bem comum e a solidariedade entre nós, especialmente com os mais pobres e com a Terra empobrecida, pois a transformação cultural requer de nós ações cotidianas como, por exemplo: reduzir ao máximo o uso de produtos de plástico e papel, assim como a geração de lixo, praticar a reciclagem, impulsionar o uso de energia gerada com recursos renováveis e junto com outros fatores, defender a Amazônia como o sistema vivo mais extenso de nosso Planeta.



Afrontar o momento crítico e impulsionar a “revolução cultural” é importante, assim como acolher com humildade e gratidão as riquezas espirituais também de outras religiões e trabalhar em aliança com todas as pessoas de boa vontade. O tecer de novas relações que alentem e defendam a vida nos chama a viver com grande abertura ao Espírito, alento de vida, que sopra onde quer, afina nossos ouvidos para o gemido da criação e transforma nossos corações, fazendo-nos partícipes de sua grande criatividade e impulsionando-nos a gerar alternativas de vida.

Para refletir pessoalmente e em comunidade

1. Que luzes a VRC busca na *Laudato Si'* para ser fiel à missão de promover a vida?
2. Como os Conselhos Evangélicos são essenciais para que a VRC viva em harmonia com a Terra?
3. A *Laudato Si'* defende a visão cosmocêntrica sobre o Planeta. Passar da visão antropocêntrica para a visão cosmocêntrica, implica quais mudanças em nível pessoal, comunitário e institucional na VRC?